



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
ANTROPOLOGIA

A FESTA DOS PEQUENOS: UM ESTUDO SOBRE A ROMARIA DA TERRA NA
ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA.

LIDEVANIA RIBEIRO DE SOUZA

Rio Tinto – PB
2018

LIDEVANIA RIBEIRO DE SOUZA

A FESTA DOS PEQUENOS: UM ESTUDO SOBRE A ROMARIA DA TERRA NA
ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento dos requisitos necessários para
obtenção de grau de graduação no curso de
Antropologia com habilitação em
Antropologia Social.

Orientador: Prof. Drº Estêvão Martins Palitot

Rio Tinto – PB
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729f Souza, Lidevania Ribeiro de.

A festa dos pequenos: um estudo sobre a Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba / Lidevania Ribeiro de Souza. - João Pessoa, 2018.

72 f. : il.

Orientação: Estêvão Martins Palitot,
Monografia (Graduação) - UFPB/ccae.

1. Romaria da Terra. 2. Ritual. 3. Arquidiocese da Paraíba. I. Palitot, Estêvão Martins. II. . III. Título.

UFPB/BC

LIDEVANIA RIBEIRO DE SOUZA

A FESTA DOS PEQUENOS: UM ESTUDO SOBRE A ROMARIA DA TERRA NA
ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Antropologia
da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, como requisito à obtenção do grau de
Bacharel em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé, força e determinação para superar as dificuldades que surgiram durante a jornada acadêmica.

Aos meus pais Severina Josefa e Luciano Sabino, pelos puxões de orelha que serviram de ensinamento para minha vida pessoal.

A Tiago Pinto, pelo seu carinho comigo, por estar ao meu lado nos momentos de dificuldades encontrados no decorrer desta pesquisa.

A minha Vó Josefa Francisca por estar sempre ao meu lado me incentivando nas minhas conquistas de vida.

A Comissão Pastoral da Terra, por contribuir para este trabalho, abrindo espaço para coleta de dados.

A meu orientador Estêvão Palitot, pela sua contribuição, orientação e confiança no pouco tempo que lhe coube, dedicado à este trabalho, pelo incentivo para terminar o curso e seguir carreira acadêmica.

Aos meus colegas da turma de Antropologia 2010.1, especialmente Fernanda Sales (Flor) e Marcia Alexandrino, pela amizade verdadeira, pelos momentos e experiências compartilhadas.

A PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular e ao Grupo Teatral Força Divina, pelos ensinamentos que me deram, que levarei para toda minha vida.

A todos os amigos e amigas que contribuíram, mesmo que indiretamente para conclusão deste curso.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Severina Josefa e Luciano Sabino, a minha irmã Lidiane, meus sobrinhos Rafaela, Rodolfo e Levy, meu amigo e companheiro Tiago Pinto, minha Vó Josefa Francisca e a todos os romeiros e romeiras da terra com muito amor e carinho.

Romeiros da Terra! Nossa Romaria começa aqui mas só vai terminar no céu! Vamos com Deus, nosso pai, com Jesus, nosso irmão, com o Divino Espírito Santo, nosso Consolador e com a Virgem Maria, nossa Mãe e companheira!

(Dom José Maria Pires, João Pessoa, agosto de 1991)

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade estudar a Romaria da Terra como um evento Ritual, realizada na arquidiocese da Paraíba e organizada pela Comissão Pastoral da terra (CPT), equipe da diocese João Pessoa. Tivemos como campo de estudo o fenômeno da 29ª Romaria da terra que foi realizada nos dias 07 e 08 de outubro de 2017 com início na Cidade de Pilar e chegada na Cidade de São Miguel de Taipu. A Romaria da Terra é um evento político-religioso, que revela a situação fundiária e agrária que a sociedade está vivendo. O público que a compõe são especialmente agricultores (assentados e acampados), que utilizam do espaço para protestar, contestar, denunciar, celebrar e publicar as situações, em relação a questões fundiárias/agrárias, como também existe a participação de outras pastorais e movimentos sociais, freiras, grupos religiosos e leigos que simpatizam com a luta pela terra. A motivação e o sagrado da Romaria da Terra é a palavra de Deus e a caminhada em direção ao local final, que tem como simbolismo a terra prometida, alimenta a fé, a utopia na perspectiva de alcançar dias mais prósperos. Trazemos enquanto referencial teórico as concepções de: (PEIRANOS, 2003), (TURNER, 2008), (DURKHEIM, 1989), (RUFINO, 2006), (ARRUTI, 2006), (MOREIRA, 1997), e entre outros, que nos permitiu entender o fenômeno ritual da Romaria da Terra. A metodologia utilizada foi aplicada através da etnografia, realização de entrevistas semiestruturadas, e pesquisa participante, como também contamos com conversas informais com agricultores.

Palavras Chaves: Ritual, Romaria da Terra, Comissão Pastoral da Terra, Político-Religioso.

ABSTRACT

This work aims to study the Pilgrimage of the Earth as a Ritual event, held in the archdiocese of Paraíba and organized by the Pastoral Land Commission (CPT), team of the diocese João Pessoa. We had as field of study the phenomenon of the 29th Pilgrimage of the land that was held on October 7 and 8, 2017, starting in the City of Pilar and arriving in the City of São Miguel de Taipu. The Earth Pilgrimage is a political-religious event that reveals the land and land situation that society is experiencing. The public that compose it are especially farmers (settlers and campers), who use the space to protest, contest, denounce, celebrate and publish situations, in relation to land / agrarian issues, as well as the participation of other pastoral and social movements , nuns, religious groups and laity who sympathize with the struggle for land. The motivation and sacredness of the Earth's Pilgrimage is the word of God and the journey towards the final place, symbolized by the promised land, feeds faith, utopia in the perspective of reaching more prosperous days. We draw as a theoretical reference the conceptions of: (PEIRANOS, 2003), (TURNER, 2008), (DURKHEIM, 1989), (RUFINO, 2006), (ARRUTI, 2006), (MOREIRA, 1997), among others. allowed to understand the ritual phenomenon of the Earth's Pilgrimage. The methodology used was applied through ethnography, semi-structured interviews, and participant research, as well as informal conversations with farmers.

Key words: Ritual, Earth Pilgrimage, Pastoral Land Commission, Political-Religious.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE RITUAL	122
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ROMARIA : A IGREJA CATÓLICA ENGAJADA	27
3.1 A Comissão Pastoral da Terra na Arquidiocese da Paraíba	34
3.1 A Romaria da Terra como Prática Pastoral.....	39
4. ENSAIO ETNOGRÁFICO DA 29ª ROMARIA DA TERRA.....	42
4.1 Preparação do repertório e ensaios para a 29ª Romaria da Terra.....	44
4.2 Preparativos e ajustes finais para a caminhada da 29ª Romaria da Terra	44
4.3 Celebração da missa na 29ª Romaria da Terra	45
4.4 Caminhando e cantando na 29ª Romaria da Terra.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS	59

1. INTRODUÇÃO

O despertar para o interesse da produção deste trabalho deu-se, em virtude da minha participação desde de criança na Igreja Católica, ao qual meu envolvimento se deu a partir da minha mãe Severina Josefa, que sempre me levou a participar das atividades na minha comunidade como um dos anjinhos do ritual do terço do mês de maio, como também minha tia Maria das Neves (Nel) e minha Vó Josefa Francisca. Desde de criança presenciava as atividades de minha comunidade, como as missas, celebrações com símbolos voltadas para a forma de celebrar da teologia da libertação, os mutirões organizados pela própria comunidade para ajudar algum membro que estivesse construindo sua casa. Isso ficou vivo até hoje em minha memória. Fui crescendo, a formar de celebrar que se faziam quando eu era criança se perdeu, mas na minha memória não. Quando adolescente comecei a participar de um grupo de teatro de minha comunidade – Grupo Teatral Força Divina, ao qual fazia parte da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP. Meu envolvimento nestes grupos vieram como uma maneira de resgatar a forma de rezar que tanto eu via quando criança. Minha participação nos encontros, atividades nestes grupos só me trouxeram crescimento pessoal e pensamento crítico sobre a sociedade.

Sobretudo, através do meu envolvimento na romaria da terra, participando nas caminhadas e principalmente contribuindo na animação¹, observando a forma de oração e a mística² que me chamavam a atenção e despertava meu olhar de curiosidade, com seus ritos e símbolos, que também tem sua origem da teologia da libertação, como também do momento oportuno que tive em participar da graduação em antropologia.

A realização deste trabalho irá contribuir como um registro de um estudo realizado sobre a romaria da terra, possibilitando o acesso a um documento científico tanto para os agricultores e agentes da CPT como também para a sociedade em geral.

Neste estudo trazemos enquanto fundamentação teórica as contribuições de Peirano (2003), para compreender o que é um ritual, de Victor Turner (2008) para

¹ A animação que nos referimos nesta pesquisa, é o conjunto de músicos, cantores, que todos os anos trazem as músicas/cânticos, para cantar nas missas da Romaria da Terra e na caminhada.

² “A mística é uma espécie de ritual e celebração, que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos variados. Essa prática é realizada nos mais variados espaços como nos acampamentos, assentamentos, em encontros, congressos e nas diversas manifestações.” COELHO, Fabiano. “**É preciso fazer a mística**”: o forjar de uma identidade coletiva sem terra. Universidade Federal da Grande Dourados, Grande Dourados, V. 26, p. 325-349, 2011.

compreensão das peregrinações na humanidade, e entre outras referências teóricas que nos fundamentaram neste trabalho como um todo.

A realização deste estudo parte de um objetivo geral em que nos propomos a fazer um estudo sobre a romaria da terra compreendendo como um ritual político-religioso do povo camponês³ e de alguns objetivos específicos: Fazer um estudo sobre rituais e seus conceitos, perceber como se dá a relação da igreja engajada junto ao povo oprimido, descrever (etnografar) o ritual da 29ª romaria da terra. Surge a partir dessas finalidades algumas problemáticas centrais com as seguintes indagações: Como se dá o ritual da romaria da terra e qual sua importância na vida dos camponeses?

Como hipótese inicial partimos do pressuposto que o ritual da romaria da terra se dá através de um trabalho da comissão pastoral da terra (CPT) juntamente com os agricultores (religiosos) e militantes. Quanto sua importância na vida dos povos do campo, entendemos que essa marcha alimenta a fé e a esperança para enfrentar os desafios sócio-históricos e políticos.

Quanto a metodologia, realizamos pesquisas em livros, relatórios e em outros documentos científicos encontrados no arquivo da CPT. Trabalhamos com entrevistas semiestruturadas e utilizamos a entrevista oral. As entrevistas foram feitas com Padre João Maria Cauchi e Irmã Albertina, os quais contribuíram e participaram de todas as, romarias da terra organizadas pela CPT da diocese João Pessoa/PB até o momento, da primeira que ocorreu de Conde a Tambaba em 1989, até a atual estudada neste trabalho de Pilar a São Miguel de Taipu, consistindo em 30 romarias, que sendo eles, uns dos organizadores, por isso mantem viva na memória as lembranças que serviram como informações para o nosso trabalho. Foi utilizado neste trabalho a pesquisa participante para melhor observação do evento. Como também, contamos com apoio e conversas informais com agricultores e membros da própria equipe da CPT. Para coletar as informações nos apropriamos do uso de computador, gravador de voz e máquina fotográfica, para ilustrações e registro do trabalho.

³ “Pequeno agricultor que é empresário de sua produção”. VELHO, Otávio Guilherme A. C. **O conceito de camponês e sua aplicação á análise do meio rural brasileiro**. NEAD-camponeses brasileiros, V. 1, p. 89-95, Set. 2009.

“Produtor agrícola, tem por objetivo sua subsistência, não o reinvestimento. WOLF, Eric. Antropologia e Poder. In: FELDIMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (Ogs.). **Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 117-144.

Neste trabalho trazemos uma análise etnográfica da 29ª Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba-PB, que acontece desde 1989, organizada pela Comissão Pastoral da Terra juntamente com os agricultores acampados/assentados da reforma agrária. Este evento costuma ser realizado todos os anos, a cada ano é um local/região diferente, dependendo do que a CPT esteja celebrando.

A Romaria Terra é realizada para que os agricultores possam celebrar, denunciar, protestar, contestar, anunciar, questões relacionadas a reforma agrária, como também fazer memória a os mártires da terra. O público da Romaria da Terra são os agricultores, pastorais sociais, freiras, religiosos que simpatizam com a causa. Diferentemente de outras romarias religiosas, o sagrado da Romarias da Terra é a palavra de Deus e a caminhada em direção ao local final, que significa conquistar algo que o romeiro almeja alcançar na sua vida social/pessoal.

O nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte apresentamos algumas considerações sobre a noção de ritual. Na segunda parte abordamos a contextualização da romaria da terra, a Igreja Católica engajada na organização do evento, na terceira parte descrevemos a etnografia da 29ª Romaria da terra organizada pela CPT da diocese João Pessoa/PB.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE RITUAL

Nos deteremos aqui neste primeiro capítulo a desenvolver algumas considerações sobre o conceito de ritual que consideramos pertinentes para o nosso estudo. Partilhamos da leitura de Mariza Peirano quando diz que o ritual está sempre presente nas relações cotidianas, ele está em qualquer tempo ou lugar na vida social, portanto faz parte de nossa vida. A autora ainda ressalta que tendemos a negar a existência e a importância dos rituais para nossa vida diária, colocando os rituais como eventos irrelevantes e sem importância, como eventos antigos, eventos que só existe em povos indígenas e sociedades consideradas “primitivas”.

Ritual, neste caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal de uma forma vazia, algo pouco sério – e, portanto, “apenas um ritual”. Agimos como se conhecêssemos que forma e conteúdo estão *sempre* combinados e associamos o ritual apenas a forma, isto é, à convencionalidade, à rigidez, ao tradicionalismo e ou status quo. Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados deste fenômeno do passado. Em suma, usamos o termo ritual no dia a dia como uma conotação de fenômeno formal e arcaico (PEIRANO, 2003, p. 07).

A autora nos remete a pensar, o quanto o ritual é pouco valorizado atualmente. Como olhamos para os eventos rituais do nosso cotidiano e não percebemos a sua importância e sua legitimidade. Como se sempre acontecesse rituais na nossa vida diária, mas, que tais rituais tivessem sempre as mesmas combinações e as mesmas formas, como se os rituais não se transformassem, fossem sempre estáticos e não estivessem sujeitos a mudanças. (PEIRANO, 2003).

Para muitos, quando se fala em rituais, é como se estivéssemos falando de ações de nossa vida diária. Damos exemplo disto: o nosso acordar – escovar os dentes – tomar banho – vestir uma roupa – fazer o café da manhã e alimentar-se dele, e assim sucessivamente. Essas ações também são rituais, mas os rituais não se resumem só a isso, vai muito além de pequenas ações do cotidiano. Diante disso, Peirano (2003) procura mostrar a importância do ritual para uma/a sociedade e como são equivocadas as noções de ritual para muitos. Ela nos apresenta alguns aspectos para percepção de rituais, como também para análise, e alguns conceitos de ritual atualmente que dialogaremos a seguir.

Segundo a autora, a princípio não é propício definir completamente e de imediato os eventos ritualísticos, pois, podemos cair na esparrela de fazê-lo e conceituá-los de forma errada, por sermos precipitados e não esperarmos o momento exato. É uma

tarefa não tão difícil, mas que precisa ser observada e analisada de forma minuciosa, nos mínimos detalhes. O ritual precisa ser bem estudado e descrito no método etnográfico, do qual faz parte do trabalho do antropólogo.

Em segundo lugar, sugere que a naturalidade dos eventos rituais não tem tanta importância, os rituais podem ser de formas diversas, o que importa é o seu significado, a mensagem social que transparece. Os rituais podem ser: profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. E ainda acrescenta que se alguns eventos como uma formatura, eleição, jogo de futebol, podem ser analisados e considerados como rituais, não nos importa seu conteúdo sua essência, de onde veio, e sim, que eles tenham uma forma exclusiva, tenham “um certo grau de convencionalidade, redundância, que combinem palavras e outras ações”, etc. (PEIRANO, 2003, p. 09).

Em terceiro, se é de suma importância a definição do ritual através da etnografia, os rituais não se constituem pela falta da razão, “racionalidade”, ou pela falta de uma relação instrumental onde os rituais tenham meios e fins. Esses eventos devem ser observados de forma científica, de forma que seja ao menos parecida com a visão e sentido do “nativo”, e não aos critérios que nossa sociedade estipula ou ao nosso sentido ocidental, pois se fomos definir tudo a nossa visão será de acordo com nossas culturas, nossos valores. (PEIRANO, 2003).

No quarto, podemos considerar o ritual como fenômeno exclusivo, produto da sociedade. Tal fenômeno nos aponta e nos revela as representações existentes em determinadas sociedades, porém, mais do que isso o ritual promove; ele amplia as visões sociais, ilumina e destaca coisas corriqueiras de um grupo. (PEIRANO, 2003). “Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprio para resolver conflitos e reproduzir relações sociais.” (PEIRANO, 2003, p. 10).

No quinto ponto, observa-se que vivemos socialmente e tudo o que fazemos possui um significado e elementos comunicativos subentendido. Exemplo disso é quando nos vestimos de determinada forma, quando assumimos determinadas maneiras ao estar à mesa, quando escolhemos um lugar para frequentar (PEIRANO, 2003). Todas essas ações estão dotadas de sentidos e significados, pois, nós estamos nos comunicando. De modo que, não nos comunicamos só através dos meios verbais, como também por meio de nossas ações. Quando vestimos uma roupa formal, queremos transmitir um certo grau de formalidade, quando assumimos um comportamento à mesa, estamos mostrando se temos etiqueta ou não, e quando desejamos frequentar um certo lugar é porque somos impulsionados e existe todo um significado em ali estar. Esses

comportamentos dentro dos rituais é de suma importância para percepção e esclarecimento de muitas coisas pertencentes a um grupo ou sociedade. O ritual é e pode ser constituído de falas, de ações, mitos, ritos, magia, de símbolos – objetos que possuem um significado, etc. Cada fala, cada fazer, cada objeto, comunica algo, seja “preferências”, “status”, opções de determinados indivíduos dentro da sociedade ou grupo. No decorrer de uma pesquisa etnográfica, essas ações, esses objetos, podem passar despercebidos, pois são minuciosos, por isso mesmo ao estudarmos precisamos antes de tudo observar com um olhar crítico/analítico enxergando o fenômeno através de vários prismas, caso contrário, o pesquisador nunca irá perceber a significação geral do evento ritualístico, ficará visto como falas e ações corriqueiras.

Vejamos uma observação de Émile Durkheim em relação a símbolos e ritos, vinda de sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, para uma melhor compreensão de como esses elementos são importantes nos rituais e que também fazem parte deles.

Todavia, sob o símbolo, é preciso saber atingir a realidade que representa e que lhe da sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, quer individual, quer social. (DURKHEIM, 1989, p. 30).

Notamos que todo símbolo possui uma “realidade”, é preciso que na pesquisa possa alcançar essa realidade nativa da sociedade, mas, a realidade e significação exata. Observamos que os ritos, e os mitos podem ser os mais estranhos possíveis, mas tem uma significação imensa para quem os pratica. Tais, para o olhar de quem observa de fora, pode parecer abominável, “bárbaros”, “extravagantes”, mas, são esses que traduzem alguma necessidade humana, características próprias de um povo ou sociedade, “aspecto de uma vida”, seja individual ou social (PEIRANO, 2003).

Dentro dos ritos e mitos estão os símbolos, da mesma forma dentro dos rituais estão os ritos e demais características. Para ser mais objetivo, “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios”. (PEIRANO, 2003, p. 11). Este conceito de ritual vem de Stanley Tambiah (1985), que nos remete a ideia de que o “falar e o fazer têm, cada um, sua eficácia e propósito, mas ambos são ações sociais” (PEIRANO, 2003, p. 11). Isso nos leva a entender que, o que fazemos e dizemos tem todo um sentido e significado, e que a simbologia tem uma importância ímpar dentro dos rituais, não só os símbolos concretos (objetos), mas símbolos

abstratos. Stanley Tambiah (1985), traduzido por Peirano, nos leva a perceber que o ritual é um sistema, um conjunto cultural, de comunicação simbólica. Esse sistema/conjunto, são constituídos por símbolos, são os símbolos que em meio a um ritual nos transparecem coisas, ou seja, nos comunicam significações, conceitos, resoluções, entendimentos, etc. Quando se diz que esse sistema/conjunto é cultural, é porque sua produção é do ser humano, do qual é produtor de cultura, e, conseqüentemente, produtor dos símbolos.

Com isso, o ritual é formado de seqüências ordenadas – começo, meio e fim, palavras e atos padronizadas, que tem sua naturalidade, e que não devem ser questionado sua existência. Em resumo, o ritual é expressado por vários meios, só deve ser percebido devidamente. Segundo Peirano (2003, p. 11), “estas seqüências têm conteúdo de arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)”. Ou seja, seqüências de características que são de costume de um povo, que é de praxe ser feito, que devem ser realizados, de acordo como surgiu no grupo ou sociedade, devem ser condensadas e repetidas, tais atos, palavras, etc.

Dando continuidade à definição de ritual, enfatizemos aqui uma característica bastante importante que é parte constitutiva do ritual, que não poderíamos deixar de lado, a performance. Ela pode ser vista em três sentidos:

- 1) No sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como algo convencional, como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento.
- 2) No sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação, um exemplo seria o nosso carnaval.
- 3) Finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance, por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo. (PEIRANO, 2003, p. 11).

Percebemos o quanto é importante o sentido do dizer, das palavras, da convencionalidade, da performance, da forma de fazer as coisas, da atuação dos atores sociais, do qual usam até mesmo o corpo para comunicação, as formas corporais. De modo que também dentro dessa performance, desses meios de comunicação, estão os sentidos das coisas, os valores, tanto individual como coletivo, que os atores sociais atribuem dentro dos rituais. As ações dos indivíduos nos rituais sejam coletivas ou individuais, são de extrema importância. Qualquer olhar, levantar de braços, indica algo dentro de determinado rito/ritual. Podemos citar como exemplo, na Igreja Católica quando o padre na missa, no decorrer do rito, na parte da oração eucarística, levanta a partícula da hóstia consagrada e a assembleia ou se posiciona de joelhos ou continua em

pé. Se posicionar de joelhos ou em pé, é um ato de respeito a hóstia consagrada, para os fiéis católicos.

Portanto, segundo Peirano (2003), o ritual é performativo, sendo assim, os eventos rituais não são estáticos, e sim dinâmicos. Não se resume em uma só performance quando acontece, está sempre se transformando, acontecendo, incluindo coisas, tirando coisas, incluindo falas, tirando falas, e assim sucessivamente. O ritual está em constante transformação, até porque o ator social sempre inventa, produz e reproduz na sociedade.

Na antropologia existem dois exemplos clássicos de rituais, tais foram de muita importância para o início do diálogo teórico em relação aos eventos rituais, mas que, infelizmente, logo de início, não foram considerados como tal, e dado o seu devido valor por motivo de outras influências teóricas. Exemplifiquemos aqui o *potlach* e o *kula*, que com suas experiências contribuíram para os estudos dos rituais e um estudo mais aguçado de outros grupos e outras sociedades nativas, contribuindo ainda, para compreensão de outras sociedades por meio do ritual, e para a percepção de acontecimentos sociais e sentidos de determinados atos na vida social.

Peirano (2003) enfatiza que entre 1890 e 1915, época em que os europeus e antropólogos consideravam-se parte de uma civilização, sobretudo racional, neste caso, Franz Boas que desenvolveu uma pesquisa no noroeste dos Estados Unidos e Bronislaw Malinowski que pesquisou na Melanésia, enfatizaram duas expressões denominadas *potlach* e *kula* que chamaram a atenção pelo fato desses fenômenos contestarem o senso comum sobre a racionalidade econômica. “Afim, o *potlach* parecia um grande desperdício de bens preciosos (a tal ponto que o governo norte-americano da época tentou proibi-lo). Por sua vez, o *kula* parecia uma troca muito elaborada de objetos preciosos mais inúteis” (PEIRANO, 2003, p. 12).

No primeiro caso, ou seja, no *potlach* os grupos cultuavam festivais em períodos longos de invernos, realizavam feiras e mercados, banquetes, que também eram momentos de encontros de tribos e comunidades opostas. Como forma de elevar o espírito de rivalidade e desafiar o chefe oposto, os grupos destruíam seus próprios bens. Nesse caso, não existiam brigas sangrentas ou guerras para mostrar mais superioridade ou vencer batalhas. Os momentos também serviam para realizações de casamentos, iniciações de jovens, cultos aos deuses, aos totens e aos ancestrais, sessões xamanísticas e os comércios que eram rotineiros.

O que caracterizava o segundo caso, ou o fenômeno denominado *kula* não era a destruição de bens. Nesse caso, eram realizações de cerimônias e trocas de colares e braceletes. Vale salientar que nessa ocasião, colares e braceletes que raramente eram usados, não tinham valor econômico, mas tinha um significado ímpar nesses momentos. “Apesar dessa aparente falta de racionalidade, a troca do *kula* mobilizava todo um arquipélago das ilhas Trobriand, em um sistema intratribal e intertribal de transações (PEIRANO, 2003, p. 13)”.

Esses rituais foram de muita importância para o início dos estudos dos eventos rituais, podemos dizer que são os rituais clássicos da antropologia e que ficaram pra sempre presentes entre os estudos acadêmicos que se destinam a compreender as sociedades.

Desse modo, seguindo com os acontecimentos que ocorreram durante o início dos estudos sobre rituais, Peirano (2003) enfatiza a dominação da dicotomia no senso comum existente no século XX que, de um lado tinham comportamentos não racionais, místicos e sagrados e do outro, comportamentos racionais, utilitários e profanos. Isso causou reações teóricas diversas no campo da antropologia. Alguns autores compreendiam o ritual como parte da magia e religião, era coisa ultrapassada; para outros, ele poderia ajudar a esclarecer formas elementares de sociabilidade.

A autora apresenta duas correntes de pensamento para exemplificar essa dicotomia: de um lado Émile Durkheim (1858-1917) e Marcel Mauss (1862-1950) (sociólogos franceses), que entendiam o ritual como algo que poderia ajudar a humanidade a compreender o meio onde vive e as relações sociais, podendo assim intervir e transformá-los. Os rituais não são algo criado ou pertencente aos deuses ou sobrenaturais, mas sim produto da humanidade, relacionado a razão da sociedade. Paralelo a isso, Tylor (1832-1917) e Frazer (1854-1941) comungavam da ideia de que o ritual estava intimamente vinculados a racionalidade humana, portanto entendia o ritual como parte da magia e religião como coisa ultrapassada. O ritual seria algo que procurava a razão humana.

Percebemos outra dualidade (ou dicotomia) quando nos referimos à magia e ciência. Uma grande divisão separa esses dois contextos, sobretudo porque implica em se tratar de dois pensamentos antagônicos: racionalidade de um lado e irracionalidade do outro, assim como o sagrado/profano, pensamento/ação, crenças/rituais.

Quando nos referimos, mais precisamente de ritual, Peirano (2003) diz que houve um reconhecimento da importância dos rituais, como também várias tentativas de

classificá-los. Embora o tema estivesse sempre em aberto, o resultado foi bastante satisfatório, principalmente porque retirou do âmbito da religião compreendida de forma restrita como crenças em seres sobrenaturais. “Um dos primeiros autores a se libertar das amarras da religião e a se dedicar ao estudo do ritual em si foi Van Gennep (1873-1957), que propôs uma classificação dos rituais de acordo com o papel que desempenha na sociedade (PEIRANO, 2003, p. 22)”. Van Gennep se fez discípulo de Durkheim, passou a estudar minuciosamente os elementos que constituem o ritual e publicou seu principal livro em 1909 intitulado *Ritos de passagem*, ritos que estão relacionados à mudança e transição na vida dos indivíduos e grupos. Van Gennep ainda traz consigo a fase de *liminaridade* que acontece [...] “quando indivíduos ou grupos entram em um estado social de suspensão, separados da vida cotidiana, porém ainda não incorporados em um novo estado[...]”. (PEIRANO, 2003, p. 22-23). Assim também como alguns tipos de ritos como o *ritos de separação* que são predominantes em funerais, *ritos de incorporação* que são enfatizados em casamentos, *ritos de transição* que predominam em cerimônias de puberdade.

Já no século XX, mais precisamente nas décadas de 30 e 40, os estudos sobre rituais pareciam sem grande importância, mesmo assim (PEIRANO, 2003) traz a contribuição de A.R. Radcliffe-Brown (1857-1939) sobre os andamaneses do golfo de Bengala, na Índia, publicado em 1922 com o título *The Andaman Islanders*. Como contribuição importante a autora traz também Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) que desenvolve alguns escritos sobre mentalidade primitiva comparada à moderna. Esses estudos trouxeram elementos importantes para compreensão dos rituais, porém, vale salientar que esses autores não deram total ênfase para o tema.

Mesmo diante dessa tendência, ou o fato dos estudos não serem direcionados minuciosamente sobre rituais, Gregory Bateson (1904-1989) publicou em 1936 o livro intitulado *Naven*, livro pelo qual estuda entre os iatmul de nova guiné um experimento curioso para a época, o estudioso utiliza o ritual como motivação etnográfica para sua pesquisa. (PEIRANO, 2003).

Para tanto, o material sobre o *Naven* desenvolvido por Gregory Bateson, teve o reconhecimento depois de mais de 50 anos após a publicação uma vez que “ele considerou que seria impossível apresentar a totalidade de uma cultura de forma linear como ocorre na escrita”. (PEIRANO, 2003, p. 26).

Uma outra fase dos estudos sobre rituais aconteceu quando Gluckman (1911-1975), em suas análises tendo como campo de estudo a África, procurou compreender o

ritual através e advinda das estruturas sociais, “exatamente por acreditar que ele conduzia a uma forma *sui generis* para a resolução de conflitos (PEIRANO, 2003, p. 27). Gluckman é o autor, que de certa forma, dá o pontapé inicial, deixando seu foco de estudo em relação a rituais bem definido: o ritual das relações sociais. Seguindo o mesmo caminho de seu professor (Gluckman), Victor Turner (1920-1983) segue contestando que os sistemas sociais não são estáticos. Turner é o estudioso sobre rituais que em suas pesquisas entre o povo ndembu, situados na antiga Rodésia (atualmente Zimbabwe), traz para análise os conflitos no contexto dos rituais que depois chamou de “dramas sociais”, retoma os ritos de passagem de Van Gennep, mas de forma renovada – “ruptura, crise, reparação e reintegração.” Traz também dois tipos de rituais: rituais de iniciação e os de aflição, e a importância dos símbolos para estudo/análise dos rituais. (PEIRANO, 2003).

Vimos alguns autores que deram foco aos rituais e magia, e como eles deram grande contribuição à antropologia para o estudo dos eventos rituais. Veremos aqui também, autores que fizeram parte dessa importância, que deram foco aos mitos e ritos para estudo dos rituais. Para isso, temos: Lévi-Strauss – estruturalista, do qual se empenha em estudar aspectos estruturais da mente humana, dedica-se a analisar os mitos, ou seja, o que é dito. É o antropólogo que coloca em igualdade primitivos e civilizados, como seres racionais, mesmo com algumas diferenças. Também temos Edmund Leach – estruturalista, “que consolida a ideia de que “primitivos” e “modernos” são iguais”, adepto da análise dos ritos – do que é feito. É o estudioso que coloca os mitos e ritos como interligados, enfatizando as diversas funções pelo qual os símbolos e rituais possuem nos comportamentos diários de um indivíduo ou povo (PEIRANO, 2003). Por último, não menos importante, Stanley Tambiah, que retoma a ideia de que os mitos e ritos era boa para pensar e para viver. Tambiah, também enfatiza a importância dos símbolos para os rituais, como também traz consigo a “ação performática”, pelo qual está relacionada às ações, falas, que permitem comunicar, fazer, modificar e transformar dentro de um ritual, de modo que está “ação performática” – a performance, é de grande importância para os rituais, para percepções de acontecimentos. (PEIRANO, 2003)

Neste capítulo tentamos mostrar como surgiu a ideia de ritual, sua importância, como também seus conceitos e definições, através de várias vertentes (visões, opiniões, etc.) intelectuais, através de alguns autores, alguns antropólogos outros sociólogos, que nos levam a pensar os rituais como importantes para estudos de sociedades (“primitivas” ou “civilizadas”), para percepção de conflitos, resoluções de conflitos,

percepção das realidades político-econômico, social, estrutural, etc. Os rituais nos levam a analisar as sociedades de vários ângulos.

Então, como foi compreendido, os rituais são eventos produzidos pelas sociedades, sejam elas “primitivas” ou “civilizadas.” Tal fenômeno social, pode surgir de diversas formas e naturezas: podem ser de caráter profano ou religioso, festivos ou informais, simples ou bem articulados (organizados). De modo que, os eventos rituais precisam ter uma forma específica, determinado grau de convencionalidade, que aconteçam diversas vezes, que seja de praxe fazê-lo, pratica-lo. Que nas suas ações e sequências possam existir redundância (repetições), que possam ocorrer por várias vezes, como também, que as palavras e ações combinem.

Para continuar com a definição de ritual, observamos que tal fato precisa ser olhado de forma científica, com olhar científico-analítico, de modo que suas práticas nem sempre serão racionais a nossa observação civilizada (ocidental). Cabe ao pesquisador estar pronto para executar tal observação, pois, os rituais precisam ser olhados de acordo com as informações que o nativo (o pesquisado) transmite como também, não se caracterizam pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins. (PEIRANO, 2003).

A sociedade em si, possui e produz um repertório relativamente definido, mas, de certa forma, flexível (ainda que possam ocorrer mudanças, retirar coisas, acrescentar coisas). Este repertório é compartilhado e público de categoria, classificações, formas, valores etc., do qual esses itens citados fazem parte do dia a dia e está presente nas ações, nos rituais. Isso nos revela que consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade (PEIRANO, 2003), pois cada sociedade possui sua cultura, suas tradições, suas formas e maneiras de ver seu próprio meio social, ela tem suas próprias características, dessa forma a sociedade não precisa de outros meios para produzir fenômenos, ela se auto mantém – ela é uma realidade *sui generis*.

A sociedade é uma realidade *sui generis*; tem suas características próprias que não são encontradas, ou que não são encontradas sob a mesma forma, no resto do universo. As representações que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente diferente das representações puramente individuais, e podemos estar seguros, de antemão, que as primeiras acrescentam alguma coisa as segundas. (DURKHEIM, 1989, p.45).

Seguindo com o diálogo sobre rituais, não podemos esquecer que tal fenômeno é também formado por elementos comunicativos implícitos, ou seja, elementos subentendidos – que não são só percebidos pelo fazer: gestos, ações; de forma que, ao falar – a comunicação linguística, também tem sua importância, é igualmente uma ação.

Estes elementos comunicativos – falar e fazer têm suas próprias forças “eficácias”, para transmissão de informações, ambos possuem um proposito e são ações sociais praticadas por nós mesmos. (PEIRANO, 2003). Nas falas e no fazer, estamos dando continuidade à performance, sequências, dentro dos rituais, de modo que, durante a performance são produzidos valores sociais, que nos proporciona a percepção de várias observações.

Notamos que alguns autores davam mais valor ao mito (*o que é falado*), do que ao rito (*o que é feito*), mas, depois se conclui que ambos são de suma importância para os eventos rituais. Da mesma forma que um nos transmite informações através de ações, o outro também o faz, pois, os mitos são narrativas/contos que os povos produzem, do qual se utilizam de muita simbologia, de personagens sobrenaturais, que podem estar ligados a religiosidade ou não⁴. É nele que se encontram determinadas falas (narrativas) dotadas de eficácia que dão sentido ao ritual, como foi dito acima. Os ritos são conjuntos de cerimônias que rotineiramente se praticam em uma religião ou em ocasiões que não sejam de cunho religioso. Esse elemento que constitui e caracteriza o ritual, trata-se de costumes invariáveis e como todo rito possui um conjunto de normas que são estabelecidas antecipadamente. De forma que, os ritos são simbólicos e tendem a expressar, e de certa forma legitimar, o conteúdo de um mito⁵.

Compreendemos que os mitos e ritos nos revelam muitas informações, até por que os mitos podem refletir características, particularidades de determinada sociedade. Como foi dito a cima, os ritos são simbólicos e o que é transparecido no rito é o mito, as palavras + ações, os mitos se concretizam nos ritos. Durkheim (1989, p. 38), esclarece sobre os ritos: [...] “os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos.” Observamos que os ritos são maneiras de agir, e é unicamente de origem coletiva, pois quando os grupos se reúnem para realizar o rito, eles, voluntariamente ou involuntariamente, estão querendo suscitar algo no seu meio, como também a refazer o que está precisando ser modificado, até porque, a sociedade é dinâmica, o que nos leva a concluir que os ritos/mitos/rituais, são dinâmicos.

Entendemos que os eventos rituais estão presentes no nosso ciclo de vida (cotidiano), de forma que, passam despercebidos por serem tão costumeiro.

⁴ Disponível em: <https://www.significados.com.br/mito> Acesso em: 26 de Julho de 2017.

⁵ Disponível em: <https://conceito.de/rito> Acesso em 26 de Julho de 2017.

“Concluimos, portanto, que rituais são um tipo especial de eventos, mas não qualitativamente diferentes daqueles considerados usuais.” (PEIRANO, 2003, p. 49). O ritual torna-se para a sociedade e para os cientistas sociais, um meio de compreender as várias formas de sociedades e suas produções. Os eventos rituais nos revelam as várias formas de estruturas sociais que existem no mundo, como uma sociedade se organiza socialmente e politicamente, como se veem, como são colocados e definidos os papéis sociais. Nos rituais podemos perceber conflitos nas sociedades, ambiguidades, dilemas, potencialidades, alternativas para resolução de conflitos, construção de novas legitimidades, etc.

Enfocaremos aqui em estudar um tipo de ritual muito interessante para percepção de sociedades e de questões religiosas – *a peregrinação*. Esse fenômeno se mostra no mundo na maioria das vezes como manifestação religiosa, mas também de contextos que vai protestar questões sociais. Turner (2008, p.161) diz que: “um ‘peregrino’, para *The Oxford English Dictionary*, é aquele que viaja para um lugar sagrado num ato de devoção religiosa”, enquanto que a “peregrinação” é “a viagem de um peregrino”.

As peregrinações no mundo não surgiram de uma hora para outra, elas já são existentes de muitos séculos atrás, das grandes religiões históricas como o: cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, confucionismo, taoísmo e xintoísmo. Também são encontradas nas sociedades arcaicas: Egito Antigo, Babilônia, as civilizações da Meso-América e da Europa pré-cristã. (TURNER, 2008).

Para entendermos melhor podemos citar a peregrinação muçulmana, que se chama *hadj* (peregrinação feita para Meca, Arafânt e Mina) praticada tanto pelos israelitas antigos quanto pelo islã. (TURNER, 2008). A *hadj* é a principal peregrinação muçulmana, que segundo Turner (2008, p. 162), “provavelmente derivada da mesma raiz semítica antiga, *h-dj*, que significa “dar voltas, andar em círculo”. É uma viagem obrigatória para qualquer muçulmano, homem ou mulher que alcançou a puberdade e encontra-se mentalmente são, “[...] ela precisa ser feita pelo menos uma vez em sua vida, desde que tenha condições de fazê-lo.” (TURNER, 2008, p. 162). A *hadj* é um ritual muito importante para os muçulmanos, o que percebemos é que ela é um rito de passagem, o momento em que a mulher ou o homem entra para puberdade.

Como podemos perceber, as peregrinações são manifestações populares existentes há muitos anos e em vários lugares no mundo, sua essência é caracterizada de acordo com a cultura de cada sociedade. Colocaremos aqui em foco as peregrinações no

Brasil, que são chamadas de romarias, que através delas surgem outras manifestações que podem ser chamadas de marchas.

O nome romaria surge da palavra Roma, que é o nome do país onde se localiza a sede da Igreja Católica Apostólica Romana, de forma que toda peregrinação católica é classificada como romaria. Então, aquele que pratica romaria é romeiro⁶. Observa-se que as tradições das romarias no Brasil foram trazidas pelos portugueses, a partir daí os próprios brasileiros começaram a realizá-las de acordo com seu meio cultural. As primeiras romarias que se tem registro no Brasil aconteceram entre 1743 e 1750. Vale ressaltar que as grandes romarias programadas e incentivadas pela Igreja Católica só se realizaram em 1900, isso também pelo fato do surgimento de novos meios e vias de transportes⁷.

As romarias como atividades de peregrinação tradicional brasileira giram em torno da visitação do sagrado, do divino, do cumprimento de promessas, de votos, do agradecimento, do fazer uma prece ao santo no qual se tem devoção. Geralmente no Brasil, essas romarias são viagens longas, podem ser individuais ou em grupos, chega a durar dias, elas podem ser realizadas a pé ou com meios de transportes (ônibus, carros, motos, etc.). Podemos citar aqui alguns lugares de encontro de romarias como: o Santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, Juazeiro do Norte no Ceará (onde viveu padre Cícero, considerado santo por alguns brasileiros), Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia e o Santuário de Nossa Senhora da Penha na Paraíba, lugar onde também todo ano recebe milhares de romeiros.

Nessas peregrinações, romarias, os indivíduos eles se separam por algum tempo de sua vida social (cotidiano), de seus papéis sociais, de sua estrutura social. Após a separação, naturalmente o indivíduo passa ao estágio de transição, que pode ser chamado de margem ou limiar.

Liminaridade é um termo emprestado da formulação, por Arnold Van Gennep, dos rites de passage “ritos de transição” – que acompanham qualquer mudança de estado por três fases: separação, margem (ou limen – termo para limiar, significando a importância dos limiares ou símbolos nesta posição intermediária dos ritos, embora no mais das vezes, cunicular “dentro de um túnel”, descrevesse melhor desta fase, sua natureza oculta, sua escuridão por vezes misteriosa) e reintegração. (TURNER, 2008, p. 216).

⁶Disponível em: <https://wikipedia.org/wiki/Romaria> Acesso em: 18 de Janeiro de 2018.

⁷ Disponível em: <https://educação.uol.com.br/disciplinas/culturas-brasileira-e-uma-tradição-portuguesa.htm>. Acesso em: 18 de Janeiro de 2018.

Neste espaço de tempo ou transição, o indivíduo está aberto a outras experiências, que no caso, é o momento em que os romeiros passam a vivenciar o sagrado, a viagem em direção ao santo, o divino. Passam a contemplar a viagem em direção a o sacralizado. Onde se começa a conviver com os irmãos de fé, vivenciar o espírito de fraternidade, sentimento de solidariedade, sentimento de unidade, de companheirismo e de grupo, pois, todos estão vivendo aquele momento de fé. Ali todos estão despidos de seus *status* sociais, diante do divino, todos são iguais. Todos estão presentes nas peregrinações em um só propósito, rezar para o santo, cumprir promessas, pedir uma graça. Essa relação gerada pelo peregrino, de sentimento de unidade, fraternidade, bem em comum, é chamado de *communitas*.

Nos ritos de passagem, os noviços ou iniciantes passam de uma posição ou condição estrutural para outra, porém, na passagem de estrutura para estrutura, se os ritos forem de caráter coletivo eles podem vivenciar – e geralmente vivenciam – a *communitas*. A liminaridade, cenário ideal das relações de *communitas*, e a *communitas*, relação gerada espontaneamente entre seres humanos totais e individuais, nivelados e iguais despidos de atributos estruturais, constituem o que se poderia chamar de antiestruturas. (TURNER, 2008, p. 180).

Todos os anos os romeiros se organizam antecipadamente para concretizar a viagem ao santo, muitos, dependendo para onde irão fazer a viagem, juntam dinheiro o ano inteiro, se articulam até mesmo com outros romeiros de outras cidades, que todos os anos também viajam para o mesmo lugar. Essas peregrinações proporcionam aos romeiros muitos sentimentos e até mesmo novas amizades. A cada ano eles sentem a necessidade de visitar o santo, que para eles é visto como fonte de cura e renovação, lugar onde se reúne sentimentos positivos.

As peregrinações parecem ser encaradas pelos peregrinos autoconscientes como ocasiões nas quais se vivenciam a *communitas* e como viagens a uma fonte sagrada a uma fonte sagrada de *communitas*, que também é vista como fonte de cura e renovação. (TURNER 2008, p. 189).

Para Steil (1996 *apud* Mota 2008), a romaria possibilita a abertura da sensibilidade dos fiéis, fazendo com que eles se permitam encontrar-se com seu próprio eu. Quando os fiéis se deparam com o sagrado, o visível (o espaço geográfico, onde contenham imagens, etc.) e o invisível (a fé, sentimentos, etc.) se unem, ele se dá conta de sua experiência existencial, e é a partir da experiência existencial que o romeiro recebe uma luz no seu convívio social, e essa luz pode ser chamado de benção no seu dia a dia, é resultado da contemplação do sagrado.

Steil (1996 *apud* Mota 2008) ainda aponta que: “a romaria se apresenta ainda como um sistema de comunicação que possibilita aos romeiros entrar em contato com

sua cultura e reinventá-la com os meios de que dispõem” (STEIL, 1996, p. 202 *apud* MOTA, 2008 p.15). Isso quer dizer que a romaria como um evento ritual se apresenta como um sistema de comunicação, esse sistema é formado por símbolos, como: uma cruz, terços, chapéus de palha, músicas dos santos, bandeiras, blusas com fotos do santo ou de algo em relação ao evento, ou até cartazes de protestos, isso vai depender da particularidade do evento. Não esquecendo das falas e das performances durante uma romaria, até mesmo as performance da missa no evento da romaria. Tudo isso comunica várias coisas a o romeiro, como também transmite várias emoções. Além do mais, esse sistema de comunicação faz com que o próprio romeiro entre em contato com sua cultura e reinvente-a. Isso nos revela que a romaria vem se modificando, se reinventando, de acordo com a cultura em que vive, com a realidade em que vive. Isso mostra que ela está passando da visita a relíquia para a visita a imagem, passando da visita a imagem para a visita a o lugar santo, ou lugar onde se aconteceu algo extraordinário, considerado santo para o fiel, algo importante para determinados indivíduos ou sociedade. Muitas vezes deixando de ser uma peregrinação religiosa (romaria), para ser uma peregrinação política, ou até mesmo uma peregrinação religiosa e política.

Podemos citar aqui a Marcha dos Sem Terra como um ritual de peregrinação política, estudada por Christine Chaves. A referida autora estudou a Marcha Nacional dos Sem Terra que aconteceu em 1997, a qual foi organizada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) tendo início em 17 de fevereiro e conclusão em 17 de Abril de 1997 com distância percorrida de 1.000 km.

Esta foi uma das contribuições centrais de Christine Chaves: indicar que, mesmo com um objetivo eminentemente político, o de chamar a atenção da sociedade brasileira para as extremas desigualdades existentes no país, elegeu-se a combinação de formas tradicionais: as marchas de protesto e as procissões. (PEIRANO, 2003, p. 22).

Peirano (2003) reitera que esse é caracterizado como ritual questionador de protesto e de oposição e ainda que rituais podem tanto afirmar quanto questionar a sociedade e eles podem ser de várias maneiras. A Marcha Nacional dos Sem Terra nos leva a observar a causa política que os atores sociais contestam algumas decisões do estado nação, reivindicando seus direitos.

Com isso, percebemos o quanto os eventos rituais estão presentes na vida diária, percebemos que eles podem ser analisados e usados como fato divisor de águas para

percepções de muitos acontecimentos sociais. Neste trabalho teremos como campo para estudo a Romaria da Terra, como um evento ritual de peregrinação religiosa e política, do qual é uma romaria organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), pastoral que luta pelas causas sociais de questão agrária. E, Para que se possa ficar compreendido neste estudo, o tipo ou categoria de romeiro do qual nos referimos, é o camponês, agricultor, morador das áreas de assentamentos e acampamentos, religiosos, militantes dos movimentos sociais, leigos, freiras e padres da igreja católica. Diferentemente de outros romeiros que peregrinam no intuito da visita ao santo, ao pagamento de promessas. Os romeiros da terra vão ao encontro da palavra de Deus, de um alento, de palavras de conforto para os conflitos que encontram no seu convívio social, dia-a-dia, para eles o sagrado da romaria da terra é a caminhada, a chegada ao destino final.

No capítulo a seguir, trataremos de descrever um pouco da trajetória da Igreja Católica nos movimentos sociais, como também o surgimento da Romaria da Terra, na Arquidiocese da Paraíba.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ROMARIA: A IGREJA CATÓLICA ENGAJADA

Deus criou a terra pra todos, que dele, que dela precisa!
(Padre João Maria Cauchi)

A Igreja Católica Apostólica Romana sempre foi zelosa e sempre manteve suas formas e princípios religiosos sem qualquer mudança, porém houve um momento em sua história no qual se começou a discutir como estava se dando a forma de evangelização, principalmente o modo de evangelização missionário. (RUFINO, 2006). A Igreja precisava se modernizar, se situar na situação histórica e social dos seus fiéis. Essa discussão se deu no Concílio Ecumênico Vaticano II, em várias conferências entre os anos de 1962 a 1965. No começo sob orientação do papa João XXIII e ao final sob o papado Paulo VI⁸.

Este acontecimento é considerado o grande evento da Igreja Católica no século XX. Onde de início, a Igreja rever alguns costumes, mudando as suas formas de celebrar para o povo (a missa passa a ser rezada no idioma de cada país e os leigos, sejam mulheres ou homens podem ajudar na celebração), o contato com outras religiões (a igreja acolhe a ideia de que através de outras crenças é possível conhecer a Deus e a salvação), dá a liberdade aos teólogos de se aprofundar na interpretação da Bíblia⁹, etc. Portanto “A literatura atribui a esse concílio não só a responsabilidade por mudanças significativas na vida e no funcionamento do aparelho eclesiástico, como também na esfera das práticas pastorais da Igreja”. (RUFINO, 2006, p. 239).

Em seguida, se realizou a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que ocorreu em Medellín (1968), um pouco depois a Conferência de Puebla, seguindo as questões colocadas no Vaticano II e procurando aprofundar as ideias, de acordo com a realidade das igrejas latino-americanas. Nas discursões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, o clero é direcionado a pensar as condições sociais do continente, para que haja uma “transformação das estruturas sociais” através dos cristãos. (RUFINO, 2006). Essa preocupação com as condições

⁸ Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>. Acesso em: 28 de Maio de 2018.

⁹ Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>. Acesso em: 09 de junho de 2018.

sociais, é o momento onde a Igreja começa a se preocupar com a classe mais sofrida – o pobre.

A Igreja deixa de olhar o seu próprio íntimo e passa a observar os acontecimentos ao seu redor, começa a observar os processos “sócio-históricos” existentes na América Latina e orienta os fiéis, os leigos, a fazer o mesmo.

A Igreja latino-americana, segundo as conclusões de Medellín, deve resituar o leigo, portanto, no plano da história. Deve proporcionar-lhe o amadurecimento de uma nova pedagogia evangelizadora que lhe permita, simultaneamente, travar o bom combate do evangelho sob novas condições sócio-históricas do continente e reavaliar a si mesmo e a sua obra. (RUFINO, 2006, p. 244).

Em Puebla, seguindo as discussões de Medellín, é reafirmado, em documento, a “opção preferencial pelos pobres”, mas ainda dando olhar aos problemas sociais existentes no continente, o clero coloca em questão a preocupação com a evangelização dos povos que possuem culturas diferentes. (RUFINO, 2006).

Com essas discursões e modificações na Igreja Católica, que são resultados do Concílio Vaticano II, da Conferência de Medellín e de Puebla, surgem duas vertentes religiosas: religiosos adeptos da teologia da inculturação (busca evangelizar de acordo com a cultura de cada povo, mostrando a face de Cristo do modo em que o povo possa enxergar sua cultura) e religiosos adeptos da teologia da libertação (busca mostrar o povo um Deus, um Cristo libertador, que ensina o povo a lutar por uma sociedade igualitária).

Na prática teológica da inculturação, a Igreja Católica pede que os missionários passem a fazer parte da vida dos povos, de maneira diária. Que os missionários possam se integrar na vida dos povos, de forma que criem um companheirismo, que criem laços profundos e íntimos, movidos pelos sentimentos sinceros de amor, de partilha, da mesma forma que Jesus Cristo devotou e ensinou aos homens. Nessa nova reorientação da prática evangelizadora, o atuante na missão é chamado a abrir-se as realidades culturais de cada povo ou nação. (RUFINO, 2006). Isso quer dizer que a Igreja procurará rezar de acordo com a peculiaridade, realidade cultural de cada povo ou nação. Podemos tomar como exemplo, as missas nas aldeias, o incentivo e participação dos missionários na realização do ritual do toré nas comunidades indígenas, como também o resgate de costumes culturais, danças folclóricas etc., nas comunidades em geral.

Essa intensa aproximação com os povos de culturas diferentes, para alguns missionários não era uma boa ideia, pois fugia das “experiências tradicionais e catequéticas” da Igreja Católica.

No início da década de 1980, começaram a surgir os resultados de muitas reflexões que, em todo o mundo católico, se faziam sobre o tema da relação entre cultura e evangelização. O resultado do mais expressivo desses esforços, sem sombra de dúvidas, pode ser resumido na palavra “inculturação”. Sua formulação – carregada de expectativas e promessas de um novo tempo para a ação evangelizadora – simbolizava um golpe de misericórdia nas já abaladas concepções missionárias das experiências “tradicionais” e “catequéticas”. (RUFINO, 2006, p. 264).

O modo de evangelização, por meio da inculturação, é a forma em que a Igreja encontrou para que pudesse continuar a propagação do Cristianismo na América Latina, pois existia o medo da influência de outras religiões.

Diferentemente da teologia de inculturação, que visava a evangelização de um povo ou nação por meio de sua cultura, a Teologia da Libertação vai abrir os olhos do povo, principalmente aqueles que mais sofriam com as estruturas sociais e com a conjuntura política, sem esquecer-se do Evangelho de Cristo que liberta.

Em meio às desigualdades sociais geradas pelas crises econômicas – “caracterizadas nos regimes militares,” nas décadas de 60 e 70, e o colapso da política de desenvolvimento nos anos antecedentes, surgem muitos descontentamentos por parte do povo latino, principalmente aqueles das camadas mais pobres. Essas, a seu ver, não via alternativa senão lutar por seus direitos. Com isso, passaram ver nos movimentos sociais de esquerda uma solução para seus problemas. (SANTOS, 2006). Nesse contexto social, a Igreja Católica se dispõe, junto com a camada popular a lutar por seus direitos. “Aos grupos militantes ligados à Igreja Católica, a agitação política nas décadas de 60 e 70 serviu como contexto para o desenvolvimento das comunidades eclesiais de base (CEBs) e da Teologia da Libertação (TL ou TdL)”. (SANTOS, 2006, p. 13).

A Teologia da Libertação nasceu na América Latina, após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, que por sua vez parte da ideia que o evangelho exige a opção pelos pobres. A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã. Ela conclui que para se manter firme na opção pelos pobres, precisa usar também de outras ciências – as ciências humanas e sociais, que são correntes que interpretam o evangelho

de cristo, mostrando os problemas sociais¹⁰. Ou seja, o objetivo da Teologia da Libertação é fazer com que os povos se libertem das amarras sociais, da alienação que a sociedade quer nos impor. Com isso, os povos irão despertar para a realidade social e lutar pelos direitos em sociedade, como também, enxergar as injustiças sociais ao seu redor. Uma parte da Igreja Católica, a qual trabalha com essa teologia, é encarregado a missão de mostrar para esses povos as verdadeiras faces da sociedade através desta nova teologia.

A teologia da libertação, *grosso modo*, dirige-se para as estruturas sociais e políticas que, em seu diagnóstico, seriam responsáveis pelas injustiças e opressões do cotidiano. Não deixa de ser um problema paralelo a essa crítica, à estruturação hierárquica e centralizadora da instituição eclesial, que refletiria tão somente, os vícios do mundo temporal e impediria uma tomada de consciência por parte de toda a comunidade católica das mazelas engendradas pelo capitalismo. A teologia da libertação, por sua vez, propõe uma atuação ativa da Igreja no combate a essas realidades, o que se traduz em um envolvimento concreto e explícito no confronto diário travado pelos diversos agentes sociais. (RUFINO, 2006, p. 262).

Com o surgimento da Teologia da Libertação vieram as CEBs (comunidades eclesiais de base), e posteriormente outros movimentos. As CEBs são pequenos grupos formados dentro de uma paróquia. As CEBs tanto podem ser urbanas ou rurais. Elas são criadas por iniciativa de leigos, padres ou bispos, que trabalham com a Teologia da Libertação. As CEBs, diferentemente de outras comunidades católicas, celebram e veem Jesus Cristo de forma diferente, assim como a Teologia da Libertação ensina. São comunidades que não buscam oração individual, mas coletiva. Suas missas ou celebrações da palavra, são realizadas com muitos símbolos e participação popular e de acordo com realidade da comunidade. São comunidades que rezam o evangelho do Cristo ressuscitado e libertador, de um Jesus que ressuscitou e veio especialmente para os pobres, e que liberta das situações sociais. Mostrando as mazelas existentes na sociedade, e instigando o participante da comunidade a lutar por uma sociedade mais justa e mais igualitária.

A luta política nas CEBs estava mediada pela fé cristã com seus símbolos e textos mais libertários. Lemas como: “*Em luta por uma sociedade justa e fraterna*” ou a tão conhecida “*opção preferencial pelos pobres*”, retirada do texto final da conferência de Puebla (1979), estavam presentes no cotidiano dos trabalhadores nas comunidades, nos sermões dos padres e nos textos teológicos. (SANTOS, 2006, p. 16).

Segundo Santos (2006), a Teologia da Libertação surge como ponto de apoio para as comunidades, como também, como base, fundamentação teológica em relação

¹⁰ Disponível em: https://wikipedia.org/wiki/Teologia_da_libertacao%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 28 de Maio de 2018.

às lutas políticas, travadas contra a situação de pobreza. Essa teologia vem trazer instrumentos teóricos necessários para a compreensão da realidade social.

É com a Teologia da Libertação que muitos se sentem mais fortes para lutar por seus direitos, em especial os pobres/oprimidos, grupos indígenas, comunidades camponesas e pobres urbanos. É com essa preferência pelos pobres que surge então a Igreja dos Oprimidos.

A Igreja dos Oprimidos, nos sugere o documento, opera em movimentos centrípetos; ela procura, incessantemente, agregar a diversidade de experiências sociais, culturais e cotidianas em um mesmo vetor. Assim, os grupos indígenas, comunidades camponesas ou pobres urbanos formam, acima de tudo, uma “grande comunidade latino-americana”. (RUFINO, 2006, p. 248).

Com o surgimento da Igreja dos Oprimidos, a Igreja Católica passa atuar junto com a comunidade de base, junto com o meio popular, ou seja, os padres e outras ordens do clero se juntam a comunidade popular, para junto com eles buscarem soluções para os problemas sociais, para buscar uma sociedade mais humana e igualitária. A Igreja deixa de estar propriamente dentro do templo rezando, para estar junto do povo mais pobre rezando coletivamente. Se envolvendo em movimentos sociais, realizando ações que vão contra as questões sociais e a conjuntura político-econômico latino-americano. Vejam o que Arruti diz:

Desde a década de 1950 a atuação da Igreja Católica havia desempenhado um papel importante na organização sindical dos trabalhadores rurais da zona da mata nordestina. Em concorrência com as ligas camponesas, os “sindicatos dos padres”, como eram conhecidos, tiveram o papel de promover ações de desobediência que foram fundamentais no alargamento das margens de negociação dos “sindicatos legalistas”. (ARRUTI, 2006, p. 393)

Podemos citar um exemplo em relação à atuação da Igreja Católica nas causas em conflitos fundiários, luta por direito a terra, na diocese de Propriá no estado de Sergipe.

A diocese de Propriá foi criada em 1960 e cobre 25 municípios. Essa diocese foi arena de acontecimentos fundiários entre trabalhadores rurais e a Codevasf¹¹, em um projeto chamado Betume. Esse projeto trouxe mudanças no regime de águas do Rio São

¹¹ Segundo o site da instituição: A Codevasf é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Integração Nacional que promove o desenvolvimento e a revitalização das bacias dos rios São Francisco, Parnaíba, Itapecuru e Mearim com a utilização sustentável dos recursos naturais e estruturação de atividades produtivas para a inclusão econômica e social. A empresa mobiliza investimentos públicos para a construção de obras de infraestrutura, particularmente para a implantação de projetos de irrigação e de aproveitamento racional dos recursos hídricos. É reconhecida principalmente pela implantação de polos de irrigação, a exemplo do Polo Petrolina–Juazeiro. Disponível em: <http://www2.codevasf.gov.br/empresa>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

Francisco, devido à construção das usinas hidrelétricas de Paulo Afonso e Sobradinho. No entanto, a prioridade da ação da Codevasf, era realizar projetos de modernização das áreas de várzeas inundáveis, do Baixo São Francisco, onde estavam situados milhares de famílias de pequenos proprietários e meeiros, que se dedicavam ao plantio do arroz. Com isso, muitas famílias desapareceram, e muitos moradores que ali residiam tiveram que se deslocar para diversos projetos de irrigação, que os submeteram a uma produção forçada, pois era um projeto de modernização no qual o trabalhador tinha que produzir ainda mais na área onde estava trabalhando. (ARRUTI, 2006).

No começo da implantação desse projeto, parecia ser agradável a ideia, havia promessas de grandes quantidades de empregos e de produção, até o bispo ficou de acordo com as ideias. Mas pouco tempo depois, esses projetos chegaram a grandes fracassos, causando muitos transtornos sociais e ecológicos, para os moradores de Propriá, principalmente as famílias que tiveram que sair de suas casas, suas terras onde cultivavam o arroz. (ARRUTI, 2006). Em primeiro lugar, o recurso oferecido pelas desapropriação das terras nas margens dos rios, foram injustas, não tinha como as famílias se reerguerem com a quantia oferecida. Em segundo, nessas circunstâncias, começou a existir um aumento instantâneo de desempregos e da migração. Terceiro, as cidades do interior da diocese de Propriá ficaram sem abastecimento de água e a população que vivia às margens dos rios ficaram sem trabalho e sem peixe, que era base de sua alimentação. Quarto, houve falha no treinamento dos assentados, do qual faziam parte do sistema de irrigação. E por fim, problemas em relação a engenharia, ou seja, os estudos feitos em relação ao projeto não foram o suficiente ou mal executados, levando “ao rompimento de diques e a perda de assentados”. (ARRUTI, 2006).

Essa situação tornou-se insustentável, as famílias estavam perdendo o que tinham e o que haviam prometido a elas, não sabiam o que fariam posteriormente. A alternativa que viam naquele momento era pedir a ajuda do bispo de Propriá, D. José Brandão de Castro.

D. José Brandão já estava sabendo um pouco da situação dos trabalhadores das margens do rio São Francisco, mas não o suficiente para que se comovesse com a situação. Até que um dia, o bispo ao chegar na região do município de Neópolis, se depara com a situação que o povo da região estava vivendo. A Codevasf, autora do projeto Betume (1976), havia desalojado cerca de 250 famílias de trabalhadores que eram moradores das terras de uma fazenda de 6.500 ha, do qual tinha oferecido uma indenização um tanto injusta, e posteriormente, ainda no mesmo ano, com a saída de

130 famílias do local e antes da colheita, colocou o restante das famílias que não aceitaram os valores das indenizações em situação humilhante, pois destruíram casas vazias, roças, fruteiras ao redor delas, como também ficaram revolvendo, cavando as terras com tratores, acabando com as lagoas de arroz, deixando as famílias insoladas. (ARRUTI, 2006).

Vendo o descaso com os moradores e trabalhadores, o bispo se dispõe a ouvi-los, mesmo os posseiros tentando lhe afastar do diálogo com eles. D. José Brandão, ouve a situação do povo, foram muitas as lamentações, o povo daquela região não aguentava mais os desmandos da Codevasf, e segundo eles, o bispo poderia ajudá-los. Sendo assim, D. José não se nega e chega à conclusão que deve ficar ao lado povo.

Ao ouvir o chamado, o bispo teria estancado e se calado, olhando para os trabalhadores. Depois de um longo momento de silêncio, ele teria declarado, diante do “povo”, dos funcionários da empresa e da polícia: “Eu sou o bispo de vocês há dez anos e nunca vi o sofrimento de vocês, porque eu nunca me aproximei de vocês” (idem). (ARRUTI, 2006, p. 396-397).

Nesse momento de silêncio, o bispo reflete o sofrimento daquele povo, de modo que se sente um pouco culpado, pois estava tão perto, mas não sabia o real sofrimento que passavam. D. José ao cair em si daquela situação, se converte “a palavra do povo”, a sua opinião para com o povo trabalhador, não é mais a mesma, pois as palavras do povo o tocaram profundamente. A partir dessa conversão, a Igreja teria uma nova postura diante de muitos conflitos sociais, principalmente os fundiários. A igreja da diocese de Propriá, que ficou conhecida como a Igreja do povo de Propriá.

Este fato marca o começo de um novo tempo para a Igreja Católica do Nordeste, principalmente para aqueles que lutavam por direito a terra e demais movimentos sociais.

Além do impacto sobre o contexto local e imediato, tal mudança de postura política, ao apresentar como uma conversão, teria impacto também sobre o plano pragmático, desenhando uma nova missão e uma nova mística para a nova Igreja. Em uma conferência proferida no encontro de religiosos e religiosas do Nordeste de 1977, D. José B. de Castro faria uma reflexão sobre a “identidade” do religioso atuante na região que estava evidentemente marcada pelo evento do Betume. Renegando a função apaziguadora que a religião sempre desempenhou diante das relações de poder e exploração historicamente desenvolvidas na região, ele afirma, de forma amarga, a natureza conflituosa dessa realidade e a inutilidade da pura erudição frente a ela. (ARRUTI, 2006, p. 397).

D. José Brandão não desiste de sua missão, tomará sempre como importante a “palavra do povo”. Adota para a nova Igreja uma nova pedagogia, que irá incentivar o povo a trazer de volta algumas práticas religiosas antigas, que não se faziam mais, retomar grupos, danças folclóricas da região. Ao invés de uma só pessoa organizar um

evento religioso como uma novena, era o coletivo de pessoas que o faziam. (ARRUTI, 2006). O objetivo era a partir do descobrimento da linguagem do povo, criar formas de exercício de seu poder, valorizando suas palavras, vontades. Assim, a Igreja começa a falar ao coração do povo.

Com a nova pedagogia, as chamadas santas missões, foram substituídas pelas “Missões Populares”. Essa antiga forma de missões foi modificada “por um clero formado na Teologia da Libertação e colaterais, como a Teologia da Enxada”. (ARRUTI, 2006, p. 402). Diferentemente das santas missões que trabalhavam em torno da evangelização de poucos, com visitas às classes mais favorecidas, as missões populares vieram para trabalhar com o povo sofrido, principalmente aqueles que estavam em conflitos fundiários. A missão popular vinha para esse povo como incentivo para continuar na luta. O clero que estava na missão trazia mensagem de incentivo à luta e força, para que os trabalhadores não desistissem.

[...] as “Missões Populares” eram realizadas anualmente, durando de uma semana a um mês dependendo da complexidade dos objetivos estabelecidos (antecipar uma eleição sindical ou preparar uma invasão de terra), por equipes que tinham seu próprio catecismo, mas que não constituíam um corpo fixo e especializado de militantes. (ARRUTI, 2006, p. 403).

O surgimento das Missões Populares veio em um momento ímpar da luta do povo em diversos conflitos sociais. Através da Missão Popular e da nova pedagogia adotada por D. José Brandão, muitos religiosos realmente se converteram a causa do povo oprimido. Vários missionários, padres, freis, freiras, etc., com o envolvimento com a luta do povo, tornaram-se militantes¹² de pastorais sociais e comunidades ligadas à Igreja Católica. Alguns se aliaram às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, à Pastoral Operária – PO, à Pastoral da Juventude do meio popular – PJMP, à Comissão Pastoral da Terra – CPT e a outros pastorais existentes até hoje.

Com as mudanças que aconteceram, convertimento de alguns religiosos à causa do povo oprimido, o surgimento da nova pedagogia e da teologia da libertação, a Igreja começa a ver as coisas e trabalhar de forma diferente, “... desviava do indivíduo para atingir o grupo, da moral para política, do pecado para a injustiça social, da salvação eterna para a luta pela terra”. (ARRUTI, 2006, p. 405).

3.1 A Comissão Pastoral da Terra na Arquidiocese da Paraíba

¹² Pessoa que milita; quem defende uma causa ou busca transformar a sociedade através da ação e não de especulação. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/militante/>. Acesso em: 21 de julho de 2018.

No estado da Paraíba, tivemos como principais representantes na causa do povo oprimido e trabalhador, Dom José Maria Pires e Frei Anastácio Ribeiro.

Dom José Maria Pires foi um líder religioso que trabalhou em defesa dos direitos dos menos favorecidos. Nasceu no estado de Minas Gerais, foi Bispo da Araçai-MG e arcebispo da Paraíba de março de 1966 a dezembro de 1995. Ele foi um dos fundadores da CPT Nordeste, como também um dos organizadores da primeira Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba. Participou diretamente das lutas e conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra da Paraíba. Lutou junto com Frei Anastácio, Padre João Maria Cauchi e Ir. Albertina, pela desapropriação de algumas terras do litoral sul da Paraíba, como por exemplo, Mucatu em Alhandra, Capim de Cheiro em Caaporã e Camucim em Pitimbu. Inclusive em Mucatu, existem registros de que no dia 12 de Junho em 1975 quando Dom José se dirigia pra celebrar a missa foi barrado por pistoleiros que lhes avisaram a proibição da missa, a mando do administrador da fazenda Mucatu. (MOREIRA, 1997).

Infelizmente Dom José Maria Pires veio a falecer no dia 27 de agosto de 2017 aos 98 anos após ser internado com pneumonia. Dom José estava sempre ao lado do povo pobre oprimido participando de mutirões, celebrando nos acampamentos, prestando solidariedade nos momentos difíceis, junto aos agricultores como despejo, prisões, assassinatos entre outros. Dom José ainda em vida recebeu muitas homenagens dos trabalhadores e trabalhadoras do campo como: nome de assentamento, nome da primeira turma de pedagogia/PRONERA na UFPB, entre outros. Dom José é lembrando na memória dos agricultores como uma das pessoas mais importantes que assumiu seu papel junto à defesa do reconhecimento de suas posses e na luta por justiça social.

Frei Anastácio, militante religioso no estado da Paraíba, sempre participou ativamente dos movimentos sociais, junto ao povo, principalmente nas questões fundiárias. Frei Anastácio é da Ordem dos Franciscanos, nasceu em Esperança, que faz parte do interior do estado da Paraíba, filho de simples agricultores. Chega a João Pessoa em 1973 e começa a trabalhar com as comunidades das paróquias de Conde, Alhandra e Pitimbu, onde dava apoio religioso e acompanhava os pequenos trabalhadores rurais daquela região.

Junto a Dom José organiza na Paraíba a Pastoral Rural e posteriormente a CPT. Unido a CPT participou de muitas mobilizações, ocupações com os agricultores, foi também Superintendente do INCRA por um tempo, e devido a sua intensa participação nas manifestações populares, foi torturado, perseguido, foi preso, na defesa do povo do campo.

Com o passar do tempo os agricultores e sem terras se deram conta que precisavam de um representante no governo estadual, então como resultado, o povo camponês pediu para Frei Anastácio ser candidato a deputado para que pudesse representá-los na Assembleia Legislativa, em prol dos seus direitos. Foi eleito em 1999 a deputado estadual, em 2002 se reelege, tentou se reeleger para o terceiro mandato, mas não conseguiu, só consegue o seu terceiro mandato em 2010, e em 2014 o quarto, que segue legislando. Como deputado, continua atuando na defesa dos povos que mais precisão, nas negociações jurídicas no poder público local e estadual em relação aos conflitos fundiários, se faz presente despejos e assassinatos. Continua celebrando com a CPT às conquistas nas Romarias da Terra, apoiando todos os anos, celebrando as missas junto com outros padres na Romaria da Terra. Faz-se presente até o final nas romarias caminhando a pé com sua mochila nas costas e chapéu junto com o povo. Pois, é um dos pioneiros na realização da Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba.

Antes da implantação da CPT existia a Pastoral Rural, agência católica que também trabalhava na causa dos trabalhadores do campo, da qual surge a CPT. Alguns desapropriações do estado da Paraíba aconteceram ainda nessa época, como por exemplo Mucatu em Alhandra e Garapu no Conde, municípios pertencentes ao litoral sul da Paraíba. Os que estavam nesse processo eram Frei Anastácio Ribeiro e uma turma de leigos religiosos organizada por Dom José Maria Pires. Como também, ainda nesse tempo, existiam as Ligas Camponesas, um movimento que surgiu no Nordeste brasileiro como forma de organização em virtude da extrema opressão submetida aos agricultores. Neste sentido, PEREIRA (2005, p. 86) diz que “foi no final da década de 1950 e início de 1960 que surgiram as formas de resistências mais organizadas dos trabalhadores do campo como as Ligas Camponesas. Inicialmente em Pernambuco e em seguida em outros estados, inclusive na Paraíba”. As Ligas Camponesas representaram na Paraíba, assim como em todo Brasil, um dos movimentos mais expressivos na luta pela terra, em prol da reforma agrária por sua vez na erradicação da propriedade privada da terra. Em fevereiro de 1958, a Associação dos Lavradores Agrícolas de Sapé, conhecida pelo nome de “Ligas Camponesas de Sapé”, foi fundada, tendo João Pedro¹³ Teixeira como vice Presidente. (CONSUTA POPULAR, 2002, p. 46)

A CPT tem sua gênese em junho de 1975, período da ditadura militar, seu nascimento aconteceu durante o encontro dos Bispos e Prelados que foi convocado pela

¹³ João Pedro Teixeira nasceu no dia 04 de março de 1918, em Pilãozinho, que era distrito de Guarabira-PB, na época. No dia 02 de abril de 1962, João Pedro tinha que se apresentar em João Pessoa, o advogado comunicou que a reunião tinha sido adiada para a tarde. Isso fazia parte da trama para matá-lo. Funcinou; conseguiram matar João Pedro neste dia, numa emboscada. (CONSULTA POPULAR, 2002, p. 47).

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Cidade de Goiânia/GO. No momento a realidade vivenciada pelos trabalhadores rurais no Brasil era arbitrária, na Amazônia, por exemplo, os piões e posseiros eram explorados, eram submetidos ao trabalho escravo e expulsos de suas terras de origem. Nesse sentido a CPT nasceu para ser um serviço que ficasse a disposição para contribuir com a causa e ser um suporte na organização dos povos do campo. A partir de então, a CPT passou a desenvolver um trabalho ao lado dos povos do campo no Brasil, de acordo com a realidade de cada região.

Em 1988, houve a implantação da CPT no Regional Nordeste II em assembleia liderada por Dom José Maria Pires. O regional Nordeste II é composto pelos estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, que no momento se faziam presente. Para CALADO:

O Regional Nordeste II tem suas particularidades próprias. Não somente por se tratar de uma região com perfil próprio, como o Nordeste, onde intensos conflitos sociais no campo têm sido um ponto marcante; ao longo de sua história, tendo desde cedo que encarar sucessivos enfrentamentos entre as diferentes expressões do latifundiário regional e os trabalhadores rurais (Posseiros, assalariados, arrendatários, meeiros, parceiros, migrantes sazonais e tantas outras modalidades de trabalhadores). (CALADO, 1996, p. 87)

Na Paraíba a CPT passou a atuar junto aos trabalhadores do campo. Uma das primeiras comunidades a ter esse apoio foi Mata de Vara que fica localizado no município de São Miguel de Taipu/PB, microrregião de Sapé. Esse imóvel tinha 523,0 hectares, pertencia a Berenice Mindelo Ribeiro Coutinho, que passou as terras para Crisóstomo Ribeiro Coutinho, tendo este passado para seus filhos Maria Berenice Ribeiro Coutinho e Flávio Ribeiro Coutinho. Para não facilitar no processo de desapropriação da área, eles desmembraram e repassaram para outras pessoas. (MOREIRA, 1997).

Não se tem mais informações aprofundadas sobre Mata de Vara porque o imóvel ainda estava em conflito.

Informações mais recentes obtidas no INCRA, junto aos agricultores dos assentamentos Amarela I e Amarela II, dão conta de que Mata de Vara pertencia ao imóvel Engenho Novo e ali, em 1991, teve início um novo conflito que se expandiu pelo restante da propriedade, tendo sido em parte solucionado com a desapropriação das áreas que deram origem aos assentamentos Amarela I, Amarela II e Tabatinga (veja história do conflito de Engenho Novo em São Miguel de Taipu e Tabatinga I de Pedras de Fogo). O Trecho corresponde a Mata de Vara, porém não havia sido desapropriado até junho de 1997. (MOREIRA, 1997, p. 340).

Atualmente a CPT no Estado da Paraíba se organiza em quatro núcleos: Diocese Cajazeiras, Diocese de Capina Grande, Diocese de Guarabira e Arquidiocese da Paraíba.

A CPT da Arquidiocese da Paraíba atualmente tem em torno de 15 agentes. Alguns deles são assentados da Reforma Agrária, estudantes do PRONERA, freiras que desenvolvem o trabalho de base dando apoio, tanto na formação política realizando encontros, reuniões, palestras, entre outros. Também contribuindo com o apoio jurídico em 13 áreas de conflitos pela terra, ou seja, as pessoas que estão na luta pela conquista da terra e o reconhecimento. Além disso, os agentes vivenciam a vida da comunidade, participando de momentos celebrativos, mutirões e realizando visitas. Além dos acampamentos, ao longo desse processo, teve colaboração na efetivação de 65 assentamentos da Reforma Agrária que são acompanhados periodicamente, de acordo com as necessidades. Há também um trabalho que é realizado com grupos de jovens, grupos de mulheres, grupos culturais, e também faz o acompanhamento em nove feiras agroecológicas organizadas pelos camponeses e agentes da pastoral. Porém, para se obter essas conquistas, os agentes pastorais tiveram que enfrentar e ainda enfrentam arbitrariedades e contradições como despejos das famílias, destruições de lavouras, torturas, prisões e até mesmo assassinatos dos trabalhadores a mando do latifúndio como: João Pedro Teixeira, assassinado na região de Sapé em 1962, Margarida Maria Alves, assassinada na região de Alagoa Grande em 1983; Aurélio Joaquim Nascimento, assassinado na região de Capim de Mamanguape em 1984; Zé de Lela, assassinado na região do Conde em 1988; Severina Rodrigues da Silva (Bila), assassinada na região do Conde em 1989; José Francisco Avelino e Antônio Chaves da Silva, assassinados na região de Jacaraú em 2006; Paulo Gomes do nascimento, assassinado em 1995 e tantos outros. O mais recente foi o agricultor Ivanildo que foi assassinado no dia 06 de abril de 2016 em sua residência no Assentamento Padre João Maria.

Um trabalho também muito importante para a CPT, é a Romaria da Terra. Essa prática é um marco no trabalho da instituição junto aos agricultores da diocese, onde se faz lembrar toda caminhada realizada no decorrer do ano. Para a CPT, as romarias tem um sentido simbólico, lembram a caminhada do povo Hebreu para a terra prometida Canaã. Por isso Pe. João Maria Cauchi comenta que: “Lembrava, lembrava, a caminhada do povo de Deus, em busca da terra prometida, então, assim como no passado se fazia, a gente também estava fazendo, caminhando junto com o povo.”

O objetivo da Romaria da Terra é dar força, apoio na luta¹⁴ do povo camponês. Mostrar seu trabalho na lida na terra, dar espaço para que eles possam festejar as suas conquistas. Não existe romaria sem o apoio do trabalhador camponês. É a festa do povo agricultor.

Fundamentalmente, as romarias trazem para o povo do campo “a “palavra” a reflexão¹⁵. Diferentemente de outras romarias, os romeiros da terra vão à procura de palavras que os façam refletir sobre sua situação social, dando forças para seguir na luta, não só na conquista da terra, mas a perseverar em comunidade, nos assentamentos. Vão buscar tudo isso, no Evangelho do Cristo Libertador.

3.2 A Romaria da Terra como prática pastoral

Em 1978, surgiram as primeiras Romarias da Terra no Brasil, elas aconteceram pela iniciativa e organização da CPT. As primeiras se realizaram no estado do Rio Grande do Sul e em Bom Jesus da Lapa, no estado da Bahia.

Com o passar do tempo muitas regiões adotaram a prática da Romaria da Terra, cada qual realizavam de acordo com a realidade existente na sua região.

O estado da Paraíba foi um dos primeiros estados a adotar essa prática. Algumas dioceses realizam a romaria durante o dia e outras durante a noite (exemplo disto a Diocese de Guarabira), umas realizavam todos os anos, outras de dois em dois anos. Mas discorreremos aqui sobre as romarias da Arquidiocese da Paraíba.

A primeira Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba foi do Conde a Tambaba, de 11 a 12 de agosto, em 1989, por iniciativa da CPT da Arquidiocese da Paraíba, motivada pelos conflitos fundiários que existiam na região do litoral sul.

A fazenda Tambaba localiza-se no interior do loteamento chamado Colinas do Jacumã, litoral sul da Paraíba, na microrregião de João Pessoa, a 18 Km da capital e do distrito de Jacumã. Essas terras pertenciam juridicamente à imobiliária Rio Tinto Ltda, sendo a sua sede em Recife, no qual era representada por Hênio Guerra, Frederico Lundgren Neto, Luiz Venâncio e Luiz Pedrosa e possuía uma área de 15,5 hectares, dos quais 90,0 foram campo de conflito fundiário. (MOREIRA, 1997).

Essa área foi ocupada no dia 04 de agosto de 1986 por 62 famílias de camponeses sem terra. Essas famílias eram de várias cidades da região – Alhandra,

¹⁴ A luta que nos referimos neste trabalho está relacionado aos conflitos sociais que os agricultores e a CPT participam em defesa de seus direitos, principalmente nas causas agrárias e latifundiárias.

¹⁵ Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/romaria>. Acesso em: 28 de Maio de 2018.

Conde, Pitimbu, das quais, moravam em pequenas parcelas de terras que pertenciam a terceiros, eles viviam em situação lastimável trabalhando alugado para ter seu sustento. (MOREIRA, 1997).

Tinha uma coisa que eu me lembro, que na época, naquele tempo, o litoral era muito conflitos, muito conflito, aí se pensou, se pensou de fazer essa Romaria da Terra lá, numa maneira de rezar, convocar as pessoas, pra rezar e também pra tornar conhecido naquela região, entendeu? Porque não era de brincadeira, não, o povo sofrido de lá. Tambaba, Gurugi tinha vários conflitos lá, entendeu? E, e, os proprietários era daquele jeito, e não era brincadeira não, aí se pensou mais uma romaria para se rezar, né!

(Ir. Albertina¹⁶).

Com tantos conflitos acontecendo na região do litoral sul, a CPT junto aos trabalhadores rurais, com o apoio do Arcebispo D. José Maria Pires, se veem motivados para realizar as Romarias da Terra, para que seja um espaço para celebrar conquistas, denunciar injustiças cometidas aos camponeses, como por exemplo: despejos, prisões, assassinatos e expulsões do povo do campo, como também fazer memória aos mártires da terra.

Olha! Era uma ocasião para ficar lembrado das vitórias que se conseguia, pra poder servir de exemplo para os outros, quem luta, então, consegue alguma coisa, nem sempre consegue, mas, é... nem sempre consegue o que quer, mas consegue alguma coisa. Então, a romaria é uma ocasião, para... publicar os, os passos que se toma, que se existe. (Pe. João Maria Cauchi).

Com o passar do tempo, as romarias foram se tornando uma prática de todos os anos posteriores. Atualmente se tem registrada na Arquidiocese da Paraíba 29 romarias. Todos os anos os assentamentos e acampamentos se organizam para que a romaria se concretize. (Ver em anexo a trajetória de todas as Romarias da Terra).

Em minha memória, participei de seis Romarias da Terra, a Primeira foi de Ingá para fazenda Quirino no ano de 2008, tinha exatamente 18 anos de idade, sempre ouvia falar sobre as romarias da terra, o quanto era bonita a missa, a caminhada. Essa romaria participei por intermédio de alguns amigos de igreja da cidade onde resido, Mamanguape, da comunidade vizinha, Cidade Nova. Foram convidados para fazer animação da caminhada, com essa participação dos meus amigos, resultou que organizaram um ônibus da minha cidade, acabei indo e levando minha mãe, minha vó e algumas senhoras da comunidade em que resido (Bairro do Areial). Lembro-me que foi bonita, era muito gente. Fiquei encantada e feliz ao ver que as missas que eu presenciava na minha comunidade (na qual era das CEBs), cheia de símbolos e místicas

¹⁶ Irmã Albertina Ferreira da Costa, agente pastoral da CPT na arquidiocese de João Pessoa, faz parte da Ordem Franciscana DILLIGEN. Natural de Areias-PB, mora em João Pessoa-PB.

não havia acabado, pois os romeiros, a Romaria da Terra as preservam. A partir desta, todos os anos queria participar, mas infelizmente não conseguia pela falta de transporte da cidade onde moro. E as demais que participei foram: de Alhandra a Capim de Cheiro, onde já tinha 21 anos de idade no ano de 2011, fui convidada pelos meus amigos para cantar na romaria da terra, para junto com eles fazer a animação do evento. De Salgado de São Felix a Itabaiana, tinha 22 anos de idade no ano de 2012, ainda na animação com meus amigos e com a participação de João Muniz agente da CPT, de Dona Antônia a Barra de Gramame, com 23 anos de idade no ano de 2013, do Assentamento 21 de abril (Sapé) ao Acampamento Elizabeth Teixeira, com 25 anos de idade no ano de 2015 e da comunidade Rua Nova (Rio Tinto) a Areia Branca (Rio Tinto) com 26 anos de idade no ano de 2016. A partir da romaria do Assentamento 21 de abril para o acampamento Elizabeth Teixeira, os meus colegas passaram a não fazer mais parte da animação da romaria da terra, confesso que por gostar tanto de participar das romarias, me ofereci a equipe de animação da CPT para ajudar na animação da romaria do Assentamento 21 de abril, daí em diante a comissão Pastoral da Terra vem pedindo minha participação na animação das romarias da terra.

A seguir, procuro descrever etnograficamente a 29ª Romaria da Terra na Arquidiocese da Paraíba, para que possamos compreender o fenômeno e como se dá sua realização.

4. ENSAIO ETNOGRÁFICO DA 29ª ROMARIA DA TERRA

Propomo-nos neste capítulo, a fazer um ensaio etnográfico da 29ª Romaria da Terra que é realizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) da arquidiocese da Paraíba, a qual teve como tema: “És lutador enviado do senhor; Dos ameaçados tu és o defensor” e lema “No ventre da mãe terra, a vida grita por liberdade”. A Romaria da Terra foi realizada na noite do dia 07 para o dia 08 de outubro do ano de 2017, com saída da Igreja Matriz da cidade de Pilar/PB para a Igreja Matriz da Cidade de São Miguel de Taipu/PB região agreste, tendo uma distância de aproximadamente 8 km contendo a participação de aproximadamente 5.000 romeiros.

A CPT (agentes e coordenadores) em suas reuniões e planejamentos mensais no mosteiro de São Bento em João Pessoa/PB, ainda no início do ano, delegam as comissões de organização da romaria, como equipe de liturgia, organização da missa, equipe de animação, equipe para pensar a arte para estampar nas camisetas e colocar nos cartazes, equipe para confeccionar os livros e escolhas dos cantos, e a assim dar-se a preparação até o dia da realização da caminhada. Também acontecem as escolhas de datas, locais, lemas e temas. O dia da romaria, geralmente, é escolhido em noite de lua cheia pelo fato da luminosidade que a lua proporciona. O local é definido mediante aos acontecimentos locais que geralmente vão de encontro a melhoria de qualidade de vida dos agricultores, como violação dos direitos e/ou algo celebrativo como vitórias/conquistas, enfim, a comissão da Pastoral da terra escolhe o local objetivando dar visibilidade a conjuntura vivida pelo povo camponês. O tema e o lema são definidos e vinculados ao que se pretende proporcionar visibilidade ou expressar naquele ritual.

Para custear as despesas com alimentação, material para divulgação, carro de som, entre outros, uma parte são doações dos próprios agricultores assentados e acampados, e o restante fica com a responsabilidade da equipe da CPT, além disso, são feitas camisetas e livros de cantos que são repassados para os romeiros a preço de custo.

A motivação da romaria no ano de 2017 se deu em virtude da celebração em ação de graças pelos 50 anos de vida sacerdotal do Padre João Maria Cauchi.

Padre João Maria nasceu no dia 24 de dezembro de 1942, seu pai se chama Francis Cauchi e sua mãe Maria Cauchi (ambos já falecidos). Ele tem 7 irmãos e é natural da cidade de Gozo, uma das três ilhas de Malta. Padre João chegou ao Brasil no dia 7 de novembro de 1963. Vindo de navio, pisou em solo brasileiro na cidade do Rio

de Janeiro com 21 anos de idade como seminarista missionário, logo após veio para o Nordeste, concluindo assim seus estudos na Cidade do Recife/PE no Seminário Regional de Olinda.

Vindo para o estado da Paraíba, sua ordenação presbiteral aconteceu no dia de seu aniversário, sendo ele o primeiro Padre ordenado por Dom José Maria Pires no dia 24 de dezembro de 1967, na Catedral Basílica Nossa Senhora das Neves em João Pessoa. Sua primeira paróquia foi no município de Serraria. Posteriormente, residiu em Itabaiana com mais 2 padres que atendiam pastoralmente além de Itabaiana as regiões de Mogeiro, Ingá e Gurinhém. Em 1976 foi nomeado Pároco de São Miguel de Taipu. Assumiu também Pedras de Fogo que na época chamava-se Curato, por 16 anos. A sua opção evangélica, preferencialmente pelos mais pobres, se deu através do compromisso com Jesus, a partir da Teologia da Libertação embasada na forte convicção do Concílio Vaticano II. Padre João Maria é um dos fundadores da CPT – Comissão Pastoral da Terra na Arquidiocese da Paraíba. Tornou-se um grande apoiador da luta dos trabalhadores na conquista das terras de vários assentamentos. Padre João Maria é uma presença marcante e significativa na construção da história dos camponeses na Paraíba. Mesmo sofrendo diversas ameaças e acusações, Padre João com sua serenidade, sempre buscou nas orações a força para enfrentar os obstáculos e desafios.

(Disponível em: <http://cruzdoespiritossanto.blogspot.com.br/2017/09/historico-de-padre-joao-maria-cauchi.html> . Acesso em: 11 de dezembro de 2018)

Padre João Maria sempre se fez presente na vida do povo, principalmente aos que mais precisam. Junto à Comissão Pastoral da Terra-CPT, tem seu trabalho prestado junto à organização e na luta por direitos e acesso a terra, portanto se fez presente ao logo de sua caminhada aqui no Brasil junto com o povo nas barracas de lonas e acampamentos, nas campanhas de alimentos, sendo comum encontrar Padre João com sua Toyota carregada de alimentos nas áreas de conflitos de luta pela terra. Além disso, tinha sua presença assídua nas mobilizações, reuniões comunitárias, celebrações nas comunidades, despejos, acompanhamentos dos agricultores em audiências entre outras.

Por tanto, sua história junto aos trabalhadores do campo, em grande parte do estado paraibano e principalmente na região Agreste, levou ao reconhecimento em celebrar seus 50 anos de vida sacerdotal na 29ª Romaria da Terra com chegada na Paróquia de São Miguel, onde está a frente dos serviços da igreja desde meados da década de 70.

Padre João Maria, depois de sua missão junto aos trabalhadores (as) pela Comissão Pastoral da Terra, em janeiro de 2018 aos 75 anos de idade voltou para Malta seu país de origem a pedido de seus familiares.

4.1 Preparação do repertório e ensaios para a 29ª Romaria da Terra

A equipe de animação realiza os ensaios para deixar as melodias, tom e ritmo. Tudo pronto para o dia da caminhada. Isso acontece geralmente um mês antes em uma igreja, escola, centro pastoral, onde tenha um espaço favorável para os ensaios e instalações dos instrumentos. Os músicos têm como base membros da própria equipe da CPT que se somam com outras pessoas militantes dos movimentos sociais e até de outras paróquias.

Esses ensaios são os momentos que os animadores tem para lembrar dos cantos, e para que os músicos possam ver as notas para os cantos e as vozes. Como também, ensaiam para a animação antes da missa, para a missa e para a caminhada.

Os ensaios desta 29ª Romaria da Terra aconteceram no assentamento Apasa, localizado no município de Pitimbu/PB e na Igreja Matriz de São Miguel de Taipu.

As músicas que se cantam durante os ensaios proporcionam muitas lembranças, revigora os animadores, elas falam de lutas, de povos sofridos, de não desistir da luta pela terra, isso dá um sentimento de força e união.

4.2 Preparativos e ajustes finais para a caminhada da 29ª Romaria da Terra

Na semana que antecedeu a romaria foram feitos os ajustes finais e intensificação da divulgação do ritual. Para isso, foram realizadas reuniões celebrativas, visitas e convites. Também se teve o auxílio de carro de som e divulgações nas rádios locais. Como também ficou uma equipe responsável para ver o caminho em que a romaria iria passar. Essa equipe, nessas ocasiões, colocam tochas para iluminar o caminho de forma que também indicam que ali faz parte do percurso, também colocam faixas indicando as paradas e faixas para que os romeiros em sua chegada não se percam do local de saída e do percurso da romaria. Perguntado a Ir. Albertina sobre estes detalhes ela diz:

Sobre esta questão aqui em São Miguel este ano, olha! Foi muito bonito. Primeiro, né, os jovens aqui têm dois grupos de jovens muito bom, sabe. E tem também outras pessoas daqui da igreja, né! Então, eles fizeram um trabalho... Primeiro foram em todos os assentamentos aqui da região, e nas comunidades que não eram assentamentos. Foram, anunciaram a romaria, fizeram reuniões e depois pediram ajuda para partilharem alguma coisa. E outra coisa mais bonita, a semana toda vinha o povo, todo mundo trazendo 1kg de café, 1kg de açúcar pra ajudar no café, achei tão bonito isso sabe, a partilha, entendeu! (Ir. Albertina)

4.3 Celebração da missa na 29ª Romaria da Terra

No dia do ritual a comissão organizadora (Alane agente da CPT, Irmã Albertina e Weverton) do ambiente chegaram ao local da missa por volta das 16 horas e se juntaram com outras pessoas das comunidades vizinhas e militantes dos movimentos sociais, como também pessoas da própria paróquia para ornamentar o local que foi em frente à Igreja Matriz de Pilar/PB. Então, essa equipe providenciou os materiais que foram usados em toda a celebração da palavra, os objetos da procissão de entrada (TNT azul, bandeira da CPT, bandeira da via campesina, bandeira do Brasil e bandeira da Paraíba), os materiais da entrada da palavra (vela, arupema, bíblia, e coentro) e os alimentos do ofertório simbólico (macaxeira, batata doce, inhame, amendoim, etc.).

Os músicos (João Muniz de Itabaiana, Tiago Pinto de Alhandra, Eliel de Alhandra) chegaram por volta das 20 horas e começaram a fazer as afinações e instalações dos instrumentos. Posteriormente, iniciou-se o momento de animação com uma ciranda onde os romeiros formaram uma grande roda e dançavam no ritmo da percussão.

Observa-se que muitos romeiros chegaram cedo, observei que começaram a chegar por volta das 18h30min.

Estavam boa parte deles, já vestido com a camisa da Romaria da Terra, alguns se encontravam sentados na primeira praça da rua da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, conversando entre si, tinha também uns em frente a casa do padre Alex, eram romeiros jovens e adultos.

Foi colocado ao lado da igreja um pequeno palco, com objetos e ornamentos do altar e presbitério da Igreja Católica (altar, ambão, cadeiras, um pequeno jarro de flores e uma grande cruz com um pano vermelho e outros utensílios da missa).

No mesmo dia da Romaria da Terra coincidiu com um dos dias da novena de N.S. do Pilar que estava acontecendo na Igreja Matriz de Pilar.

Então, fiquei a observar entre a praça e a igreja. Durante esse tempo, começaram a chegar os primeiros ônibus de romeiros, estavam muito animados para a romaria. Eram crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas de todas as encontraram na Romaria da Terra, assim acontece todos os anos. Não podemos deixar de enfatizar que os adolescentes e os jovens predominaram nesta romaria, para eles é um espaço de diversão, lazer, como também de protesto. Eles saíram dos ônibus e ficaram procurando um lugar para sentar e esperar a animação da romaria começar, uma jovem estava com

uma placa que protestava contra o atual governo, que dizia a seguinte frase: “Fora Temer, a Amazônia fica”. Como já enfatizamos, Romaria da Terra é também um espaço de protesto e ao mesmo tempo religioso. Além de ser um espaço religioso e de protesto, é também um espaço/momento de descontração, onde eles, principalmente os jovens e adolescentes conhecem novas pessoas, fazem novas amizades, conhecem pessoas de outras comunidades e reveem colegas de caminhada da militância, um espaço de celebração da vida, pois a luta é diária. Para os militantes (por exemplo os da PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular) e agricultores (como por exemplo dos assentamentos APASA de Pitimbu, Padre Gino de Sapé), a romaria fortalece o povo na caminhada, de modo também que fortalece aqueles que ainda estão em área de conflito lutando pela posse da terra.

A equipe começou a fazer o trabalho de animação por volta das 20h45min. com o canto da 29ª Romaria da Terra: “Bendito Dos Romeiros”

Enquanto a música era cantada, os romeiros começaram a se organizar e fizeram uma bonita ciranda ao lado da igreja, na frente do trio, apesar de ser pouco espaço, fizeram um círculo dentro do outro.

Momentos antes de iniciar a missa, tivemos a presença da cantora Vera Lima (Verinha), que cantou alguns cantos populares, como de Luiz Gonzaga, Dominginhos, e outros. No final de sua performance, fez um discurso sobre a atual conjuntura política enfatizando a retirada dos direitos do trabalhador brasileiro.

A missa começou em seguida com o comentário de acolhida feito por Rafael Integrante da CPT, enfatizando a pessoa do padre João Maria na sua Trajetória de vida, e em defesa da natureza, como também do povo trabalhador sofrido. Em seguida, a procissão de entrada (todos integrantes do altar – coroinhas, liturgia, ministros da eucaristia, padres, diáconos e o arcebispo da Paraíba, Dom Delson). Com o passar da procissão, vieram quatro pessoas carregando um tecido de TNT azul comprido, e em cada ponta do TNT uma bandeira e uma pessoa segurando. A primeira bandeira era a da CPT, a segunda era a da via campesina, a terceira bandeira era da Paraíba e a quarta do Brasil. O TNT azul veio simbolizando o Rio Paraíba que passa pela região de Pilar e São Miguel de Taipu, fazendo uma denúncia da retirada de areia do rio e em defesa da natureza, as outras bandeiras vieram representando os movimentos sociais do campo, o estado e o país. Enquanto a procissão passava e em seguida as bandeiras, os romeiros cantavam: “Bandeira da vida”.

A missa segue com o arcebispo D. Manoel Delson dando uma boa noite a todos os romeiros, preparando o povo para o ato penitencial, que no caso foi um ato penitencial partilhado, onde duas pessoas o fizeram, eram frases já escritas (digitadas) em folhas de papel, eram frases do clamor do povo nas lutas da vida, da terra, e pela preservação da natureza, dizendo não a poluição dos rios. A cada evocação do ato penitencial era cantado: “Senhor, tende pena deste povo sofredor, tem gente que ainda aumenta a sua dor!”

Continuando o ritual da missa com o restante dos ritos, o canto do glória, entrada da palavra (leituras e o evangelho), aclamação ao evangelho, preces, ofertório, santo, paz e comunhão. No rito do glória, que é um rito onde glorifica-se a Deus depois do ato penitencial, cantou-se: “Glória dos Povos Ameríndios”

Na entrada da palavra (momento onde uma pessoa entra dançando no ritmo de uma música com a bíblia) foi um momento muito simbólico e místico de se ver, entra uma jovem grávida com sua barriga de fora, com uma saia longa, blusa branca e um chapéu de palha, carregando em suas mãos uma peneira (conhecida como arupema), a peneira estava coberta com a bandeira da CPT, contendo dentro dela uma bíblia e um molho de coentro, e cantou-se: “A palavra de Deus vai chegando, vai (repetição). É Jesus quem hoje vem nos falar (repetição).” A mulher jovem grávida era Alane da CPT de João Pessoa do Assentamento Padre Gino da cidade de Sapé que, segundo ela, a mulher jovem grávida de área de assentamento simbolizou o lema da romaria – “no ventre da mãe terra, a vida grita por liberdade”, que faz menção à importância da vida.

Quando terminou o rito da entrada da palavra foram iniciadas as leituras que no catolicismo se chama liturgia da palavra. Foram três leituras e o evangelho.

Após as leituras, o senhor Arcebispo Dom Delson, fez sua homília (pregação) baseada nas leituras, em especial no evangelho do dia – *Parábola dos operários da vinha*. Ele começou sua homília saudando a todos os presentes na romaria, todas as comunidades, como também os presentes do presbitério (altar). Em seguida, falou sobre o valor, a importância da Romaria da Terra para a questão da reforma agrária, dizendo que é importante a união dos trabalhadores, do povo sofredor com essa luta. Depois vai ao evangelho (Mt 20.1-16), que retrata a história de operários que foram contratados por um pai de família para trabalharem em uma vinha, mas cada operário foi contratado em horas diferentes, os que foram contratados primeiro reclamaram ao pai de família que poderiam receber mais, pois trabalharam mais que os outros que foram contratados por último. Dom Delson relaciona a história dos operários da vinha com a atualidade,

comenta que, assim como na parábola, muitos são chamados para trabalhar na vinha do senhor, mas poucos são escolhidos. Segundo ele, assim como o pai envia os operários para trabalhar em sua vinha, Jesus também chama o povo a trabalhar para ele, a trabalhar o seu evangelho, e no caso mais específico dos agricultores, envia o povo trabalhador a lutar pela terra. Nesse momento, o senhor arcebispo incentivou o povo a lutar por seus direitos, seguir em frente sem esmorecer, falou da importância da CPT para as lutas camponesas. Segundo ele, a CPT trabalha em função do evangelho para com os trabalhadores que sofrem com as questões da reforma agrária. E, fala ao povo ali presente, que trabalhem unidos e sem brigas. Alerta o povo sobre a poluição no mundo, e suas consequências, que afeta a todos. Ao final incentiva o povo à fraternidade, à união, destacou que devemos produzir, semear frutos, como Jesus diz: “devemos semear o fruto do amor”. Homenageia padre João Maria Cauchi pelos longos anos de dedicação a causa do povo trabalhador, o agradeceu por estar ao lado do povo que luta pela causa camponesa.

Após a explicação do evangelho cantou-se a ladainha dos mártires da terra, onde está lembrando nomes dos mártires da terra, ou seja, pessoas que foram assassinadas por causa da luta pela terra, em busca de melhorias para o povo camponês: “Mártires da terra rogai por nós, intercedei a Deus por nós”

Continuando com os ritos da missa, chegou o momento do ofertório, do canto do santo, o cântico da paz. A comunhão é um canto de ação de graças em homenagem a padre João Maria. O ofertório na religião católica é o momento em que os fiéis doam algo dos seus bens (como de costume o dinheiro) materiais à igreja. Nas missas da CPT, do qual faz parte da Teologia da Libertação, primeiro os agricultores agradecem o dom da vida e ofertam os frutos que cultivam na terra como: macaxeira, inhame, amendoim, batata, milho, jerimum (abobora), coco, fava, coentro, alface, milho, abacaxi, etc. Durante o ofertório, um momento simbólico foi as sandálias de padre João Maria, que veio em destaque, simbolizando a entrega da sua caminhada para a luta do povo oprimido e camponês, o cântico de ofertório foi: “A terra Deus deixou” quando perguntado a Ir. Albertina sobre a missa ela disse: “O ofertório da missa foi lindo! Ai, aqui ali olhe, olha aquilo pra nós como CPT, ave Maria, chega eu... eu vibrava de alegria quando eu via entendeu! Aquele menino lá de Santa Emília, trazendo um cacho de coco, achei muito bonito”

O canto de paz, rito onde todos se abraçam e desejam a paz a cada um na missa, foi: “Deus nos abençoe, Deus nos dê a Paz!”

O rito de comunhão onde se celebra a ceia do senhor, de modo que algumas pessoas recebem uma partícula feita de trigo, do qual os católicos chamam de hóstia consagrada (Corpo de Cristo). “Pão em todas as mesas, da páscoa a nova certeza!”

E, finalmente, o canto de ação de graças, dedicado ao padre João Maria, agradecendo pelo seu companheirismo e dedicação ao povo trabalhador rural. Segue a composição completa:

GRATIDÃO

De longe vieste, aqui pro Nordeste evangelizar,
Fiel ao senhor padre lutador vem nos ajudar.
E no dia a dia ele sempre pedia pra Deus proteger.
O povo sofredor e o agricultor, os ajuda vencer.

**Ô meu padre João de Deus grande graça.
O povo te abraça em ti ver Jesus.
Feliz agradece por nos ajudar aqui no nordeste tu és nosso irmão.**

Fiel companheiro de Deus Mensageiro de Cristo Jesus.
Leal nas promessas de ser companheiro lá nos mutirões.
Nos acampamentos tu és o alento do agricultor.
Dos ameaçados, dos assassinados tu és defensor.

Fez greve de fome, espalhou o seu nome até no sertão.
Sua fé não se abala, com Deus sempre fala e pede proteção.
Pra o povo sofrido, sem terra querido povo lutador.
E pra mãe do céu reza sempre é fiel a mãe do senhor.

Verônica e Albertina, as duas meninas dos olhos de João.
Num trabalho profundo contra o latifúndio e contra a opressão.
Dedicaram a vida cansada e sofrida junto a CPT.
Defendendo o povo clamamos de novo João por você.

Em Almir Muniz o povo é feliz por acreditar,
Numa profecia que você dizia – Deus não há de faltar.
Pra aqueles que buscam em Deus a vitória aqui neste chão.
Com tantos tormentos buscamos alentos em ti padre João.

(Josias – um dos animadores da Romaria da Terra).

Os cantos da missa da Romaria da Terra, assim como toda performance e simbologia na missa da romaria são voltados para o povo camponês e por isso traz na mística sua particularidade, embasada no contexto da Teologia da Libertação.

4.4 Caminhando e cantando na 29ª Romaria da Terra

Ao término da missa, e enquanto ainda se cantava a música em homenagem a padre João Maria, as pessoas da organização da Igreja Matriz de Pilar recolhiam as cadeiras que haviam sido colocadas para fora, e a organização da romaria nesse momento também pede para as pessoas se organizarem, se posicionarem, abrir espaço para o trio passar e saírem em romaria.

Os romeiros estavam muito animados, assim como em outras romarias que já fui. Os romeiros saíram cantando junto com a animação da romaria, que ao sair começaram a cantar o canto dos romeiros. “Bendita e louvada seja essa santa romaria”.

Algumas pessoas cantavam alto, uns mesmo caminhando dançavam, acenavam para nós que estávamos na animação. Outro detalhe, é que quando estávamos saindo, algumas pessoas que não estavam na missa, que só estavam nos arredores da praça da Matriz de Pilar, do qual não iriam fazer parte da caminhada, acenavam para a animação da romaria e também ficaram a olhando para as pessoas que estavam caminhando na romaria, até acenavam também para alguns romeiros que eram conhecidos deles, os romeiros também retribuía o aceno.

Ao chegarmos na primeira parada na comunidade Santo Antônio, ciranda já havia começado. Eram umas senhoras com umas saias rodadas floridas e uns senhores, todos cantores de ciranda do assentamento Dona Antônia da cidade do Conde/PB. O local da parada era uma praça, tinha espaço suficiente para fazerem uma grande e bonita ciranda. Então fizeram duas rodas de ciranda, uma interna e outra externa, os cantores estavam no meio das duas rodas, era bonito de se ver. As pessoas dançavam muito, eram jovens, mulheres, crianças, muita animação, era divertido e engraçado de se ver.

Enquanto a maioria estava se divertindo na ciranda, alguns aproveitavam para tomar o sopão que a comunidade local estava oferecendo. Depois de alguns minutos, deram uma pausa na ciranda para que alguns jovens da comunidade fizessem uma apresentação de dança, a música era o canto do pai nosso dos mártires, muito usado nos movimentos sociais e nas orações e missas da Teologia da Libertação. Segue o título canto: “Pai nosso dos pobres marginalizados”

Ao término da apresentação, a ciranda voltou novamente, passou-se um bom tempo cantando e as pessoas dançando. Enquanto a ciranda continuava, muitos romeiros descansavam, uns sentados outros até se deitaram ali mesmo na praça.

Encerrado a primeira parada, seguimos novamente em romaria, desta vez com destino a segunda parada, um assentamento chamado corredor. Os romeiros na estrada se seguiram cantando. Observei que também havia algumas crianças na romaria acompanhadas de seus pais, mas teve uma situação que fiquei a observando e que me chamou atenção: uma mãe com uma criança de colo na caminhada, ela a carregava em um carrinho de bebê, a criança deveria ter uns 5 meses de idade.

Chegamos a segunda parada, que se localiza próximo a PB 048 com direção a São Miguel de Taipu. Lá, a comunidade é cercada por cercas de arame, o trio ficou parado no asfalto e os romeiros foram entrando em direção a comunidade. O povo que acolheu ofereceu aos romeiros Chá de Colônia.

Os romeiros já estavam um pouco cansados da caminhada, alguns estavam sentados em uma casa próxima, outros ainda aos arredores da comunidade sentados no chão, muitos deitados em uma parte que era com gramas, nessas ocasiões que os romeiros se deitam, tem muitos que acabaram dormindo, os seus companheiros precisaram acordá-los para seguir a caminhada.

Nesta parada houve uma apresentação religiosa de uns jovens que faziam parte da comunidade, e também teve uma apresentação de cantadores de viola que fizeram seus versos em homenagem a padre João Maria. Os artistas cantaram em cima de um pequeno caminhão enfeitado com flores e alguns frutos da terra. Ao término da apresentação dos cantadores, vieram os jovens e fizeram a sua apresentação sobre os vícios do mundo.

A Romaria da Terra é um evento que mesmo que seja de natureza religiosa, acolhe pessoas que sofrem a todo o momento desigualdades sociais. Ela é um evento que se importa com o pobre, com o negro, com o índio, com o agricultor, isso não quer dizer que outras pessoas de outras realidades não possam participar.

Sáimos da comunidade correndo e seguimos em romaria, com destino a nossa chegada. O povo caminhava alegre, pois estávamos chegando ao local de destino e além disso, disfrutar de um belo café da manhã, com café, bolachas, pães, etc.

Os romeiros ao chegarem ao local, foram logo tomar o café da manhã oferecido pela paróquia, eram muitas pessoas distribuindo, os romeiros pegavam seu café, sentavam-se ao redor da praça para esperar o término da romaria. O trio ficou posicionado de frente para a Igreja matriz, para que um grupo de jovens fizesse uma apresentação teatral em homenagem a Padre João Maria. Era um teatro mudo, narrado também pelos jovens da paróquia que contava sobre a vocação de padre João Maria, sua

vida sacerdotal e o mais importante, sua luta junto ao povo trabalhador do campo. Em alguns pedaços do teatro os jovens cantavam: “Antes que te formasse dentro do seio de tua mãe. Antes que tu nasceste te conhecia e te consagrei”. Os jovens estavam caracterizados, um rapaz vestido de papa, outro representando padre João Maria, um casal de jovens vestidos como os pais de padre João Maria e os demais vestidos de trabalhadores do campo.

Essa apresentação teatral foi a forma que os jovens tiveram para homenagear padre João Maria. Ao final da apresentação padre João Maria agradeceu a homenagem e parou encerrar a romaria benzeu todos os romeiros da terra que ali estavam.

Quando perguntado ao Padre João Maria como foi a romaria deste ano ele diz:

Este ano foi um ano que eu não caminhei na romaria... Agora o pessoal fica lembrando fatos acontecidos. Eu fui até a primeira parada, 1km e meio. O pessoal lembra dos fatos que me enfeitaram com muitas poesias, com muita solidariedade, são gratos por aquilo que a gente tem feito a favor deles. Eu fiquei satisfeito.

A 29ª Romaria da Terra foi bastante participativa com destaque para a presença da juventude como já mencionamos. Contou também com a presença de vários padres e religiosos como Pe. João Maria (São Miguel de Taipu), Pe. Alex (Pilar), Frei Anastácio (João Pessoa), Pe. Dorgival (Itabaiana), Pe. Hermínio da CPT, Diácono Luiz Brasileiro, Diácono Fábio Calisto, Diácono Cláudio Rocha e o estagiário Gilvando. Avaliado de grande importância a retomada da presença do Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese da Paraíba na Romaria da Terra, Dom Frei Manoel Delson, se fez presente e celebrou a missa. Para a luta dos trabalhadores foi de suma importância sua participação, pois havia muitos anos sem a presença do arcebispo da Paraíba nas romarias.

Um dos destaques da romaria se deu em virtude da participação dos romeiros. Caravanas de várias comunidades como: P.A. N.S. Aparecida (Itabaiana), sindicato de Itabaiana, P.A. Margarida M^a Alves (Juarez Távora), Comunidade N.S. da Conceição, Campo Grande II (Sobrado), P.A. Novo Horizonte (Juarez Távora), P.A. Santa Emília (Pedras de Fogo), P.A. Rainha dos Anjos (Sapé), P.A. Nova Conquista (Pilar), Área de conflito (Mogeiro), Área de conflito (Paraíso de Mogeiro), P.A. Maravalha (São Miguel de Taipu), Área de conflito Pau a Pique (São Miguel dos Ramos), Comunidade Boa Sorte (Pilar), P.A. Dom José Maria Pires (Santa Rita), P.A. Dona Antônia (Conde), P.A. Novo Salvador (Jacaraú), P.A. Jardim (Cural de Cima), Sítio Chã de Areia (Pilar), P.A. Antônio Conselheiro (São Miguel), Comunidade São Francisco (Sapé), P.A. Boa Vista

(Sapé), P.A. D. Marcelo, Sítio Barra de Antas (Sapé), P.A. 21 de Abril (Sapé). Como também caravanas das Irmãs da Sagrada Família, Irmãs da Misericórdia, Missionárias Carmelitas, Fraternidade Esperança, Imaculado Coração de Maria, Leigas da Sagrada família e o JUFRA – Juventude Franciscana.

Chegamos à Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Não posso negar que o meu físico e psicológico já estavam cansados, o sono já havia chegado, mas com a animação da romaria dava para driblar o sono e não podia deixar de observar o desfecho da romaria.

Alguns agricultores ficaram ao redor da Praça da Igreja da Matriz tomando o café da manhã. Era muita comida que a Paróquia de São Miguel de Taipu estava oferecendo aos romeiros, os distribuidores do café eram muito simpáticos e acolhedores. Outros agricultores ficaram deitados esperando o ônibus sair ou até mesmo já se dirigiam aos ônibus, pois, já não aguentavam mais o cansaço da caminhada. Outros ainda entraram na Igreja para visitar. A maioria não esmoreceu, após tomar o café ficaram esperando o término da romaria com a dramatização em homenagem a padre João Maria.

Terminamos a 29ª Romaria da terra do ano de 2017, com o nascer do sol da cidade de São Miguel de Taipu. Enquanto padre João Maria benzia e dava benção final, os romeiros também contemplavam o sol nascer por traz da Igreja Matriz da cidade, e agradeciam mais uma romaria realizada, com muita coragem e alegria, pois os romeiros da terra protestam, denunciam, celebram as vitórias e louvam ao senhor a cada passo que se dão na caminhada das romarias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos a importância dos rituais para estudar as sociedades para percepção e resoluções de conflitos, percepção das realidades político-econômico, social, estrutural, etc.; através dos rituais podemos enxergar as várias faces da sociedade. Os rituais nos levam a analisar as sociedades de vários ângulos. Os ritos e mitos contidos no ritual, as ações e as falas, tudo o que é feito é da natureza do ser humano.

A romaria da terra é um ritual de peregrinação político-religioso. Político porque reflete a situação de conflitos fundiários existentes na sociedade, a situação em que se encontra milhares de famílias assentadas e acampadas que lutam para viver e por reforma agrária. Como também contestam a situação política do governo em relação aos conflitos na luta pela terra. Religioso porque é organizado pela CPT que é uma pastoral ligada à igreja católica e trabalha com os agricultores e questões fundiárias e agrárias. Como foi mencionado neste trabalho, a Igreja Católica, desde o Concílio Vaticano II vem tendo um olhar mais direcionado para fazer um trabalho de acompanhamento das situações sociais dos povos menos favorecidos – “preferência pelos pobres”. A CPT é um exemplo de pastoral que assumiu esse olhar voltado para o povo oprimido.

A romaria da terra como ritual de peregrinação político-religioso, pode ser considerada uma marcha, pois assim como a Marcha Nacional dos Sem-Terra, questiona determinados atos da sociedade, contesta e protesta contra algumas decisões do governo. (Peirano, 2003). A romaria da Terra, nos leva a observar a causa política e religiosa que os atores sociais que a constituem, contestam e defendem. Do qual o público são especialmente os agricultores (assentados e acampados) acompanhados pela CPT, como também existe a participação de outras pastorais e movimentos sociais, freiras, grupos religiosos e leigos que simpatizam com a luta pela terra.

Diferentemente de outras romarias religiosas, que só peregrinam em direção a relíquia, da Imagem do santo, de cumprimento de promessas, na romaria da terra os romeiros saem de suas casas motivados pela palavra de Deus e a caminhada em direção ao local final, que significa chegar a terra prometida, a algo que o romeiro deseja alcançar na sua vida pessoal/social, e como símbolo e sinal de Jesus Cristo é plantada uma cruz no local onde a romaria se encerra.

Os locais onde se realizam as romarias da terra são lugares onde se tem significado em relação a questões fundiárias, como por exemplo áreas de conflitos, assentamentos, acampamentos. Mas também depende muito do que a CPT está celebrando naquele determinado ano, pode ser de um assentamento a outro, como também pode ser de uma Igreja a outra, como aconteceu na 29ª romaria da terra.

Na viagem de um local a outro, os peregrinos da terra caminham todos em um só propósito, caminhar em direção ao lugar que se almeja chegar, mas nessa caminhada a cada passo que se dá, se celebra, se denuncia, se louva, se agradece pela vida. Os romeiros compartilham de um sentimento de união, companheirismo, fraternidade que é gerado naquele momento, onde se desprendem de sua vida social pessoal e vive aquele momento coletivo, que Turner (2008), classifica de *communitas*. Na romaria da terra é enfatizado a coletividade e não o individualismo, assim como prega a teologia da libertação, como por exemplo na hora do ato penitencial, ao invés de se cantar o canto individual, e os romeiros repetirem, é dividido entre algumas agricultores e leigos o ato penitencial lido, para que também participem da celebração. As missas das romarias da terra são repletas de símbolos, nesta 29ª tivemos em frente ao altar uma cruz com tecido vermelho, representando Jesus Cristo, como também no decorrer do rito da missa tivemos as bandeiras e o TNT azul na procissão de entrada representado os movimentos sociais, o estado e a nação, e o TNT o rio Paraíba, a mulher grávida levando a bíblia na entrada da palavra, representando o ventre da mãe terra que grita por liberdade, os frutos da terra no ofertório, as camisas com o cartaz da romaria, e as músicas, que dizem muito a os romeiros, passam mensagens, mexem com o emocional de cada um. Esses símbolos são importantes para os romeiros, se tornam um sistema de comunicação simbólica, fazendo com que quando os romeiros os olhem, lembrem-se de sua vida, de sua cultura. E, cada ano da romaria esses símbolos podem ser diferentes, pois a romaria da terra é dinâmica e ecumênica, pode se modificar, ela pode tanto trazer símbolos na missa da cultura (luta) indígena, como já houve em outras romarias, como pode trazer símbolos da cultura (luta) do povo negro.

A CPT promove muitas ações para/com os agricultores, como feiras agroecológicas, mobilizações, apoio em despejos, retomadas de terras etc. A romaria da terra é considerada a festa do agricultor, sendo considerada uma das ações mais importante para eles. Essa prática também é muito importante no fortalecimento da pastoral (CPT), como também no fortalecimento no contato com os agricultores acampados e assentados, percebemos que todos os anos os agricultores se mobilizam

para que a romaria aconteça. A romaria da terra é um espaço para que o agricultor mostre o seu trabalho, ali ele se sente valorizado e importante pra a igreja e para Deus. A romaria da terra para os povos do campo, é um espaço de denúncia, celebração, anúncio e publicação das tantas situações que os agricultores acampados e assentados passam em suas vidas, como também é espaço pra fazer memória aos mártires da terra, pessoas assassinadas pela luta do direito à terra. Esse evento é tão importante, que onde passa deixa marcas, fortalece a luta de alguma área que esteja em conflito fundiário, como também fortalece as comunidades de assentamentos na suas lutas sociais do dia-a-dia. Neste sentido vejamos o depoimento de Padre João Maria Cauchi:

Olha! depois da, que passa a romaria, tem sido assumido a luta de novas terras, de novas... por exemplo a romaria da terra de Mogeiro, né! Depois que passou a romaria, o pessoal entrou na terra né! Foi despejado e não saiu da terra não, isto foi depois da romaria, heim! Então, a romaria é uma ocasião para denunciar.

Então o papel da romaria da terra como prática da igreja católica através da CPT, é dar apoio religioso, através do evangelho do Deus Libertador, e também político, onde os agricultores se sentem motivados a lutarem por seu direitos sociais, a lutarem por um pedaço de chão, por uma vida melhor e mais digna, dando apoio nas suas organizações, dando importância ao agricultor (quando por exemplo, no rito do ofertório simbólico, quando alguns agricultores apresentam simbolicamente a Deus os frutos colhidos da terra). E todo rito realizado na missa nas romarias da terra é especialmente voltado ao povo trabalhador da terra, quando por exemplo, o evangelho, a reflexão, é sempre voltado para dar apoio, conforto aos agricultores para que não desistam da luta.

Assim, podemos concluir que a romaria da terra é um evento ritual político-religioso, promovido pela CPT e os agricultores assentados e acampados, para que possam protestar, denunciar as impunidades, publicar, agradecer, celebrar a vida, chamar a atenção da sociedade para sua causa e louvar a Deus pela vida. A romaria da terra como ritual dinâmico que agrega outras culturas, é um evento do povo agricultor e também do povo oprimido pela sociedade. A romaria da terra é a festa do povo trabalhador da terra e do povo oprimido.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, José Mauricio P. A. A Produção da Alteridade: o toré e as conversões missionárias e indígenas. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus nas Aldeias: missionários, índios e mediação cultural**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 380-425.
- CALADO, Aldeir Júlio Ferreira. **Movimentos Sociais, Estado e Educação, no Nordeste: estudos de experiências no meio rural**. João Pessoa: Ed. Idéia, 1996.
- CONSULTA POPULAR PB, (grupo de movimentos populares). **João Pedro Teixeira: vivo na memória e nas lutas dos trabalhadores**. João Pessoa: Ed. Idéia, 2002.
- DURKHEIM, Emile. Objeto da Pesquisa: sociologia e teoria do Conhecimento. In: _____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 1989, p. 29-49.
- MOTA, Geová Nepomuceno. **O Fenômeno Religioso da Romaria Sob a Perspectiva da Fé Cristã: a romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Departamento de Teologia da Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008.
- MOREIRA, Emília. **Por um Pedaco de Chão**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.
- PEIRANO, Marisa. **Rituais Ontem e Hoje**. São Paulo: Ed. Zahar, 2003.
- PEREIRA, Antônio Alberto. **Além das cercas...** Um olhar educativo sobre a reforma agrária - João Pessoa: Ed. Idéia, 2005.
- RUFINO, Marcos Pereira. O condigo da Cultura: o cimi no debate da inculturação. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus nas Aldeias: missionários, índios e mediação cultural**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 235-275.
- SANTOS, Irinéia M^a Franco dos. **Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: o caso da comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1986-2000**. 2008. 229 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social,

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TURNER, Victor. Peregrinações como Processos Sociais. In: _____. **Dramas Campos e Metáforas:** ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Ed. Universidade Federal de Fluminense, 2008. p. 155-217.

TURNER, Victor. Passagens Margens e Pobreza: símbolos religiosos da communitas. In: _____. **Dramas Campos e Metáforas:** ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Ed. Universidade Federal de Fluminense, 2008. p. 215-252.

ANEXO FOTOGRÁFICO



Igreja Matriz de Pilar-PB, antes de começar a missa da Romaria da Terra. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cartaz de Boas Vindas aos Romeiros da Terra. 07/10/2017. Foto da Autora.



Palco da Missa da Romaria da Terra. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cruz com um tecido vermelho simbolizando Jesus Cristo Ressuscitado, em frente ao palco da missa da Romaria da Terra em Pilar/PB. 07/10/2017. Foto da Autora.



Bandeira da Comissão Pastoral da Terra, foto realizada antes da missa. 07/10/2017. Foto da Autora.



Bandeira da Via Campesina. Foto realizada antes da missa. 07/10/2017. Foto da Autora.



Alguns romeiros chegando ao local da missa e da saída da Romaria. 07/10/2017. Foto da Autora.



Os celebrantes e concelebrantes e demais membros que fizeram parte do altar na missa da 29ª Romaria da Terra 2017. 07/10/2017. Foto da Autora.



Procissão de entrada da missa da Romaria da Terra, com as bandeiras da CPT e da Via Campesina, com o TNT azul simbolizando o rio Paraíba, e as bandeiras do estado da Paraíba e do Brasil.



Entrada da palavra de Deus na missa da romaria da Terra. Com uma arupema e alguns frutos da terra e a bíblia dentro, a vela simbolizando a luz de Deus. A mulher grávida simbolizando “no ventre da mãe terra a vida grita por liberdade.”



Ofertório simbólico da Romaria da Terra. As sandálias de padre João Maria Cauchi veio no ofertório representando sua caminhada na Igreja a favor dos agricultores. 07/10/2017. Foto da Autora.



Ofertório simbólico. Os agricultores oferecem simbolicamente os frutos da terra a Deus. 07/10/2017. Foto da Autora.



Ofertório da Missa de abertura da Romaria da Terra. Observe-se os alimentos representando os frutos do trabalho na terra. Pilar/PB. 07/10/2017. Foto da autora.



Público da 29ª Romaria da Terra durante a missa de abertura. 07/10/2017. Foto da Autora.



Animadores da Romaria da Terra no trio elétrico. Momento de acolhimento dos agricultores cantos populares. 07/10/2017. Foto da Autora.



Animadores da Romaria da Terra no trio elétrico. Momento de acolhimento dos agricultores cantos populares. 07/10/2017. Foto da Autora.



Primeira parada da 29ª Romaria da Terra, na comunidade Santo Antônio, cidade de Pilar. 07/10/2017. Foto da Autora.



Primeira parada. Momento de descontração dos romeiros dançando ciranda. 07/10/2017. Foto da Autora.



Segunda parada na comunidade corredor em São Miguel de Taipu. Os romeiros da terra entram na comunidade para prestigiar as apresentações. 07/10/2017. Foto da Autora.



Apresentação dos cantadores de viola na segunda parada, fazendo versos em homenagem a padre João Maria Cauchi. 07/10/2017. Foto da Autora.



Romeiros da Terra na praça da Igreja Matriz de São Miguel de Taipu após sua chegada.
07/10/2017. Foto da Autora.



Café da manhã na Igreja Matriz de São Miguel de Taipu após chegada dos romeiros da 29ª Romaria da Terra. 07/10/2017.
Foto da Autora.



Romeiros da terra ao redor da praça tomando café da manhã.
07/10/2017. Foto da Autora.



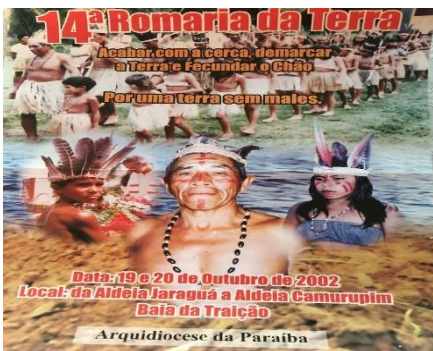
O raiar do sol da 29ª Romaria da Terra na cidade de São Miguel de Taipu-PB. 07/10/2017. Foto da Autora.



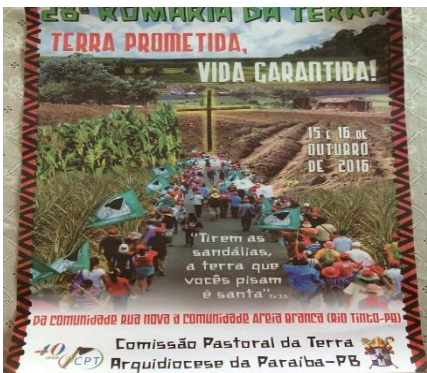
Termino da 29ª Romaria da Terra na Cidade de São Miguel de Taipu. Padre João Maria Cauchi benze os romeiros com um ramo de folhas molhado com água. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cartaz da primeira Romaria da Terra, de Conde a Tambaba, 11 e 12 de Agosto de 1989. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cartaz da decima quarta Romaria da Terra no Vale do Mamanguape, cidade da Baía da Traição, 19 e 20 de outubro de 2002. Da aldeia Jaraguá a aldeia Camurupim. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cartaz da vigésima Romaria da Terra no Vale do Mamanguape. Da comunidade Rua Nova (Rio Tinto) a comunidade Areia Branca (Rio Tinto), dias 15 e 16 de outubro de 2016. 07/10/2017. Foto da Autora.



Cartaz da vigésima nona Romaria da Terra, de Pilar a São Miguel de Taipu, dia 07 e 08 de outubro. 07/10/2017. Foto da Autora.

TABELA DAS ROMARIAS DA TERRA DA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA

NÚMERO DE ROMARIAS	TEMA	LOCAL	DATA
1ª	Romaria de celebração aos Mártires da terra, em especial Bila e Zé de Lela.	De Conde a Tambaba	11 e 12 de outubro de 1989
2ª	“Na luta contra opressão, por terra, por casa e pão”	De Pilar a Itabaiana	05 e 06 de outubro 1990
3ª	Luta Contra os usineiros.	De Cruz do Espirito Santo a Sapé	19 e 20 de outubro de 1991
4ª	Luta dos povos indígenas por direito a terra e comida.	No Vale do Mamanguape	05 e 06 de setembro de 1992
5ª	“Margarida, Continuamos tua Missão!”	Juarez Távora a Alagoa Grande e 2ª Romaria da Terra da diocese de Guarabira. As duas romarias se encontraram em Alagoa Grande	28 e 29 de agosto de 1993
6ª	“Terra: sonho da família, no campo e na cidade.”	De Sta. Rita a Bayeux	Em 1994
7ª	Terra: “Caminho e Esperança dos Famintos”	De Sta. Rita a Cruz do Espirito Santo	07 e 08 outubro de 1995
8ª	“Vida, Justiça e Paz na Terra.”	De Capim (Pindoba) à Mamanguape	21 e 22 de setembro de 1996
9ª	“No Campo e na Cidade: Terra, Emprego, Justiça e Dignidade.”	De Café do Vento (Sobrado) à São Miguel de Taipu	20 e 21 de setembro 1997
10ª	“Celebrando a Conquista da terra: Do Litoral ao Sertão, Lutando Por Terra e Pão.”	Do Assentamento Ouro Verde a Dona Antônia no Conde	08 e 09 de outubro de 1998
11ª	“Brasil! Essa Nação é Nossa. Reforma Agrária, Emprego, Dignidade.”	Do assentamento Santa Helena à Sapé	23 e 24 de outubro de 1999
12ª	“Agricultura Familiar. Repartir o Pão. Multiplicar o Pão.”	Do assentamento APASA à Pitimbu	14 e 15 de outubro de 2000

	Resgatar a Vida.”		
13ª	“Terra é vida. Dom de Deus.”	De Café do vento ao assentamento João Pedro Teixeira	28 e 29 de setembro de 2001
14ª	“Acabar com Cerca, Demarcar a Terra e Fecundar o Chão. Por uma Terra sem Males”	Da aldeia Jaraguá a aldeia Camurupim – Baía da Traição	19 e 20 de outubro 2002
15ª	“Direito à Vida: Vida em Abundância.”	De Itabaiana à São José dos Ramos	13 e 14 de setembro de 2003
16ª	“Terra e Água: Fontes de Vida.” “Fonte de Vida não pode ser destruída.”	De Cruz do Espírito Santo à Sta. Rita	23 e 24 de outubro de 2004
17ª	“Pão do Céu, Pão da Terra: Dom de Deus para Todos.”	De Gurugi a Tambaba	Em 2005
18ª	“Vem para o Meio a Serviço da Vida: Pela resistência possuirão a terra.”	De Jacaraú ao acampamento Jardim	07 e 08 outubro de 2006
19ª	“Agricultura Camponesa SIM. Agro-Hidronegócio NÃO. Da resistência e missão, nasce vida neste chão.”	De Livramento a Forte Velho	01 e 02 de setembro de 2007
20ª	“20 anos de Caminhada em Defesa da Vida. Reforma Agrária e Justiça Social.”	De Ingá a Fazenda Quirino	20 e 21 de setembro de 2008
21ª	“Vida, Liberdade e Pão: Queremos Terra sem Concentração.”	De P.A. Boa Vista ao P.A. P. Ginno	07 e 08 de novembro de 2009
22ª	Não houve romaria em 2010	-	-
23ª	“Libertar a Terra, Preservar a Vida.”	De Alhandra a Capim de Cheiro	22 e 23 de outubro de 2011
24ª	“A Natureza Clama por Justiça: Os Rios Choram suas mortes.”	De Salgado de São Felix a Itabaiana	20 e 21 de outubro de 2012
25ª	“25 anos de Caminhada: Celebrando as Conquistas, Denunciando as Injustiças.”	De Dona Antônia a Barra de Gramame	19 e 20 de outubro de 2013
26ª	“Terra de Deus,	Da comunidade Chã	

	Terra de Irmãos. Libertar a Terra, Fecundar o Chão e Multiplicar o Pão”	de Areia a comunidade Salgadinho, paróquia de Mogeiro	18 e 19 de outubro de 2014
27ª	“Sangue dos Mártires. Terra Livre. Memória, Rebeldia e Esperança.”	Do assentamento 21 de abril ao acampamento Elizabeth Teixeira, Barra de Antas	31 de outubro a 1º de novembro de 2015
28ª	Terra Prometida, Vida Garantida! “Tirem as sandálias, a terra que vocês pisam é santa” Ex 3.5	De Rua Nova (Rio Tinto) a Areia Branca (Rio Tinto)	15 e 16 de outubro de 2016

OBS.: Há algumas romarias que não foi possível encontrar o tema, no caso, só foi possível colocar a causa pelo qual a romaria se realizou na região/local.

Romaria da Terra 2017

Pontos

P Parada

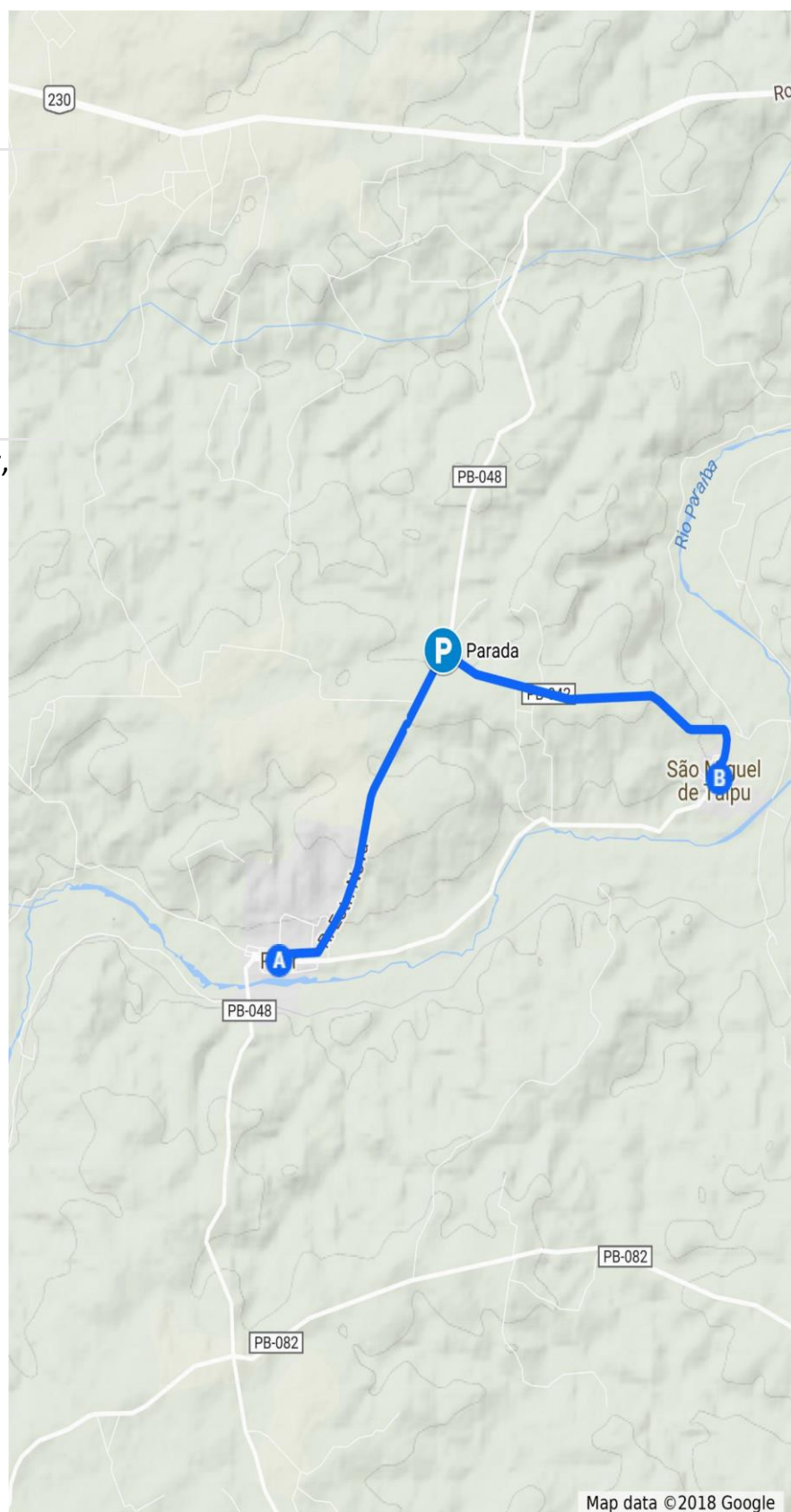
Direções de Pilar, PB para Igreja Matriz de São Miguel de Taipu

A Pilar, PB

B

Igreja Matriz de São Miguel de Taipu

Saída da Igreja Matriz de Pilar, chegada na Igreja Matriz de São Miguel de Taipu, com duas paradas.
Trajeto de 8,5 KM.



CANTOS DA MISSA DA 29ª ROMARIA
DA TERRA

BENDITO DOS ROMEIROS (canto de
animação)

Bendita e louvada seja essa santa
romaria/ bendito povo que marcha

Bendito povo que marcha tendo cristo
como guia.

**Sou, sou teu, senhor, sou povo novo
retirante e lutador,**

**Deus dos peregrinos, dos pequeninos,
Jesus cristo redentor.**

No Egito antigamente/ No meio da
escravidão

Deus libertou o seu povo/ Hoje ele
passa de novo

Gritando a libertação

Para a terra prometida/ O povo de Deus
marchou

Moisés andava na frente/ Hoje Moisés é
a gente

Quando enfrenta o opressor.

BANDEIRA DA VIDA (canto de
entrada da missa)

**Vou levando a bandeira da vida eu
vou
Vou pra festa bonita da vida eu
vou (Repete)**

Vem meu povo de artista pra festa
animar

Crianças e adolescentes nesta festa vão
brincar

Gente idosa e provo afro tem muito que
partilhar

Quem possui deficiência e quem sofre

Dependência

Tem muito que ensinar

Catadores povo farto hoje é festa e
animação

Gente que mora na rua vem dançar
novo baião

Pastorais e movimentos tem na festa o
seu lugar

Quem é de comunidade busca nova
sociedade

Vem também participar

Uma nova consciência nossa festa vai
gerar

Comunhão nas diferenças vida nova faz
brotar

Uma festa tão bonita lembra o céu aqui
no chão

Deus conosco festejando nosso amor
alimentando

Minha vida povo irmão

Em nome de Deus que é vida criador de
todo bem

Em nome de Jesus Cristo que nasceu lá
em Belém

Em nome do Santo Espírito nossa luz e
nosso guia

Quem planta e cuida da vida essa festa é
merecida

Viva o amor, viva a alegria

GLÓRIA DOS AMERINDIOS (canto
do gloria da missa)

Glória, Glória, Glória a ti, meu Deus.

Paz na terra, cantam os povos teus.

Violão, charangas, flautas, sons do
coração,

Tambores e atabaques te glorificaram.

Teu nome é tão bonito não existe outro
igual,

Gloria que vence a morte e o ídolo do mal.

América ameríndia e Africa-na-dor,

Latina convertida daí gloria ao Deus de amor.

Na fé da resistência no axé de nosso canto,

No sangue da aliança gloria, gloria Deus santo.

Memória dos vencidos, na cruz seja bendita,

No cristo canta a vida, brilhando infinita.

LADAINHA DOS MÁRTIRES DA TERRA (ladainha do mártires da missa)

Mártires da terra rogai por nós, intercedei a Deus por nós.

João Pedro Teixeira, intercedei, pelas lutas camponesas, intercedei.

- Zé de Lela, intercedei, pela organização dos assentamentos intercedei.

- Ó nossa querida Bila, intercedei, pelas mulheres camponesas, intercedei.

- Antônio Chaves, intercedei, pra conquistar a luta, intercedei.

- Ó grande Almi Muniz, intercedei, pela nossa resistência, intercedei.

- E mártir Sandoval, intercedei, pela conquista da terra, intercedei.

- Ó Manuel Luiz, intercedei, pela luta dos acampados, intercedei.

- Nossa Margarida Maria Alves, intercedei, pelos canavieiros, intercedei.

- Paulo Gomes, intercedei, pelos companheiros processados, intercedei.

- Todos os mártires da terra, intercedei, por uma justiça igualitária, intercedei.

- defensores da vida, intercedei, pela paz da humanidade, intercedei.

A TERRA DEUS DEIXOU (canto do ofertório da missa)

A terra Deus deixou, Deus deixou, pra gente trabalhar, trabalhar, agindo neste chão, pra não faltar o pão na vida de ninguém. A terra Deus deixou, Deus deixou, pra gente habitar, habitar, plantar e produzir, colher e repartir e ao pai erguer as mãos.

- E ao erguer as mãos – pra agradecer: trabalho, chuva e pão – e bendizer, rogar do seu amor: acrescentar justiça entre nós, saúde e paz.

– E ao pai erguer as mãos – para alertar: há gente aos milhões – sem pão, sem lar, rogar do seu amor: a união, pra gente restaurar a criação.

O SENHOR É SANTO (canto do santo da missa)

Santo, santo ele é santo – o senhor é santo.

Ele é santo, ele santo – o senhor é santo.

- Ele é Deus do universo – o senhor é santo.

- Céus e terra proclama – o senhor é santo.

- Vossa gloria – o senhor é santo.

- Hosana nas alturas – o senhor é santo.

- Bendito o que vem – o senhor é santo.

- Em nome do senhor – o senhor é santo.

- Hosana nas alturas – o senhor.

- Hosana nas alturas – o senhor é santo.

DEUS NOS ABENÇOE (canto de paz da missa)

- Deus nos abençoe, Deus nos dê a paz!

A paz que só amor é que nos traz!

A paz que só o amor é nos traz!

A paz na nossa vida, no nosso coração.

E a benção para toda criação!

- A paz na nossa casa, nas ruas, no país.

E a benção da justiça que Deus quis!

A paz pra quem viaja, a paz pra quem ficou.

E a benção do conforto a quem chorou!

- A paz entre as igrejas e nas religiões.

E a benção da irmandade entre as nações!

A paz pra toda a terra e a terra ao lavrador.

E a benção da fartura e do louvor!

PÃO EM TODAS AS MESAS (canto de comunhão da missa)

A mesa tão grande e fazia de amor e de paz – de paz! Aonde a luxo de alguns a alegria não há – jamais! A mesa da eucaristia nos quer ensinar – á, á. Que a ordem de Deus, nosso pai é o pão partilhar.

Pão em todas as mesas, da páscoa a nova certeza: A festa haverá e o povo cantar, aleluia!

As forças da morte a injustiça e a ganancia de ter – de ter. Agindo naqueles que impedem ao pobre a viver – viver. Sem terra, trabalho e comida a vida não há – não há. Quem deixa assim e não age a festa não vai celebrar.

Irmãos companheiros na luta vamos dar as mãos – as mãos. Na grande corrente de amor na feliz comunhão! – Irmãos.

Unindo a peleja e a certeza vamos construir – aqui. Na terra o projeto de Deus: todo povo a sorrir.

PAI NOSSO DOS POBRES (música da apresentação dos Jovens da primeira parada da romaria)

Pai nosso dos pobres marginalizados. Pai nosso dos mártires, dos torturado.

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida;

Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida.

Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão.

Maldita toda violência que devora a vida pela opressão. /:Ô, ô, ô.:

Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador.

Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo opressor.

Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões,

O pão que traz a humanidade, que constrói o homem em vez de canhões.

Perdoa-nos quando por medo, ficamos calados diante da morte!

Perdoa e destrói os reinos, em que a corrupção é a lei mais forte.

Protege-nos da crueldade dos, dos latifundiários, dos prevalecidos.

Pai nosso, revolucionário. Parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos.

HISTORIA DAS ROMARIAS (poesia de João Muniz)

Todo ano em romaria

Gritamos alto em clamor

Louvamos a Deus Criador

Na vitória a alegria

A história principia

O Egito da escravidão

Moisés contra a opressão lutou

Muito antigamente

Hoje quem luta é agente

Buscando a libertação

A primeira Romaria
 No Conde teve Saída
 Com destino a Tambaba
 Na caminhada da vida
 Mártires, Bila e Zé de Lela
 Duas pessoas daquela
 Deu a vida pelo irmão
 Com seu sangue derramado
 Irrigaram o roçado
 Gerou nova produção

Em outubro de noventa
 O povo valentia
 De Pilar a Itabaiana
 Na segunda romaria
 Na luta contra opressão
 Por terra, por casa e pão
 Sem-terra foi ocupar
 Em Santa Clara e Uma
 Em Campos também em Furna
 Região de Alagamar

Foi de Cruz de Espirito Santo
 A cidade de Sapé
 Outubro de noventa e um
 Na romaria da fé
 Onde João Pedro Teixeira
 Na sua luta primeira
 Teve uma morte tirana
 Região de usineiros
 Predominava a cana

No Vale do Mamanguape
 Quarta peregrinação
 Setembro de noventa e dois
 Na luta por terra e pão
 O índio forte guerreiro
 Que nesse chão brasileiro
 Enfrentaram muita guerra
 Tupã, Tupi, Tabajara
 Guaranis e Potiguaras
 Donos reais dessa terra

Nesta quinta romaria
 Juarez Távora deu partida
 Para Alagoa Grande
 A terra de Margarida
 Buscando libertação
 Lutou contra opressão
 Aos pobres favoreceu

Mataram-lhe para calar
 E o povo sempre a lutar
 Mais Margarida nasceu

De Santa Rita a Bayeux
 Houve a sexta romaria
 Agosto de noventa e quatro
 Buscando a cidadania
 Terra, o sonho do povo
 De viver um mundo novo
 De direito e igualdade
 A família quer trabalhar
 Quer ter casa pra morar
 Seja no campo ou na cidade

E a sétima romaria
 Depois de lutarmos tanto
 Saímos de Santa Rita
 A Cruz do Espirito Santo
 Cana que destruí a vida
 O camponês sem saída
 Vê na terra a esperança
 Pão na mesa e liberdade
 No campo dignidade
 Lutando tudo se alcança

De Capim a Mamanguape
 A oitava caminhada
 Setembro de noventa e seis
 Seguimos esta jornada
 A pobreza reprimida
 Latifúndio tira a vida
 De vidas fazendo guerra
 No sonho de conquistar
 Justiça e paz na terra

De Café do Vento (Sobrado)
 Saiu a nona romaria
 A São Miguel de Taipu
 E o povo com ousadia
 No campo e na cidade
 Emprego, dignidade
 Terra, justiça e direito
 Manuel Luiz injustiçado
 Cruelmente assassinado
 Desumano e desrespeito

A décima romaria
 Do Assentamento Ouro Verde
 A Dona Antônia no Conde

O povo sacia a sede
 Agosto de noventa e oito
 Com muito suor no rosto
 Já cansados de sofrer
 Do litoral ao sertão
 Lutando por terra e pão
 O direito é viver

Décima primeira romaria
 De Santa Helena a Sapé
 Outubro de noventa e novembro
 Na caminhada de fé
 Brasil Nação sem destino
 Chamando por Deus divino
 A nossa vida precária
 Tanta terra concentrada
 O pequeno sem ter nada
 Gritando Reforma Agrária

Decima segunda romaria
 Da Apasa a Pitimbu
 Em outubro de dois mil
 Região litoral sul
 Agricultura familiar
 O pão a multiplicar
 Repartira terra querida
 A terra desconcentrar
 A luta do Ablá
 Veio resgatar mais vida

Do Sitio do Café do Vento
 Ao PA de João Pedro Teixeira
 Setembro de dois mil e um
 Já é a decima terceira
 Uma luta jamais temida
 Pão de Deus que gera a vida
 Terra, sinônimo de glória
 Um lutador incansável
 João Pedro sempre lembrado
 Um mártir da nossa história

Décima quarta romaria
 Da Aldeia Jaraguá a Aldeia
 Cumurupim
 O índio a caminhar
 Por sua terra demarcada
 Sua origem respeitada
 Por seu pedaço de chão
 Uma raça primitiva
 Tem sua presença viva

Em Baía da Traição

Décima quinta romaria
 Saímos de Itabaiana
 Para São José dos Ramos
 Contra a morte tirana
 Em protesta a violência
 Justiça prepotência
 Atitude estarecida
 Lembramos Almir Muniz
 Que lutou pra ser feliz
 Também lhe tiraram a vida

De Cruz do Espírito Santo
 A cidade de Santa Rita
 Outubro de dois e quatro
 Noite de lua bonita
 Décima sexta romaria
 Na caminhada seguia
 A nossa luta sofrida
 Vamos nos organizar
 Terra e água conquistar
 Que são as fontes de vida

Décima sétima romaria
 Dois mil e cinco foi o ano
 Do Gurugi a Itabaiana
 Resistir esse era o plano
 Como deu partida
 Para a terra prometida
 Guiando o povo seu
 Fizemos a caminhada
 E conquistamos na jornada
 Pão de terra, dom de Deus

Décima oitava romaria
 No anos de dois mil e seis
 Resistência pela vida
 Caminhamos outra vez
 Jacaraú a saída
 Nosso povo deu partida
 Com fé e felicidade
 Acampamento Jardim foi a chegada
 De uma busca incansável
 Em busca de liberdade

De Livramento a Forte Velho
 Dezembro de dois mil e sete
 Décima nona romaria
 A batalha se repete

A missão de semear
E o pão multiplicar
Agricultura camponesa
Sem agrotóxico, nem queimada
Respeitando a terra amada
Dando vida a natureza

Vamos sair de Ingá
Para a fazenda Quirino
A vigésima romaria
Trilhando nosso destino
Vinte anos de caminhada
E a CPT dedicada
A nossa gente sofrida
Na paz ou no sofrimento
Presente a todo momento
Sempre em defesa da vida

E foi em dois mil e nove
Outra grande romaria
De Boa Vista a P. Gino
Povo romeiro seguia
Na luta com amor e fé
Mas uma vez em Sapé
De João Pedro Teixeira
Um lugar de produção
Na terra que gera o pão
Levar pra vender na feira

No ano 2010
A luta continuava
Não teve a romaria
Mas o povo caminhava
Nas reuniões de conflito
Ensaçando um novo grito
Nas reuniões do zonal
Na várzea ou no agreste
No vale, norte ou leste,
E também no litoral.

Chegando 2011
Numa terra conquistada
E a luta ressurgia
Com a paz ameaçada
De Alhandra a Capim de Cheiro
Em caminhada os romeiros
Contra a fábrica de cimento
Fábrica na comunidade
Trazendo infelicidade
Pra muitos assentamentos.